

Colégio Santo Américo

S. Paulo, 03/07/1980.

Companheiro João Paulo 2º

Operário de Cristo,

Somos operários como os 21 milhões de brasileiros que, nas fábricas e nos setores de serviços, constroem a riqueza deste país que, agora, se alegra com a sua visita.

Queremos falar-lhe de nossas vidas. Contar-lhe de nossa luta. Nossa estrutura sindical, inspirada no modelo fascista, é controlada diretamente pelo Estado, cerceando nosso direito de organização sindical a partir das empresas e de atuação sindical independente do Estado. Temos lutado por um sindicalismo livre e autônomo, pelo reconhecimento do delegado sindical nas empresas, pela organização de comissões de fábrica, pela criação de laços intersindicais. Nos opomos à atual estrutura sindical brasileira, que só favorece o Governo autocrático e os patrões voltados exclusivamente para seus lucrativos interesses. Queremos renovar a estrutura sindical, valorizando o sindicato como nosso órgão representativo e propondo uma nova legislação trabalhista comprometida com as nossas aspirações.

Enquanto a luta do movimento operário brasileiro avança, rumo a uma sociedade justa e livre, o Governo autocrático reprime os trabalhadores, intervem em nossos sindicatos combativos, demite nossos dirigentes, impõem-nos a odiosa figura do interventor, apoia a intransigência dos patrões, faz do Ministério do Trabalho um Ministério do Capital, fecha-se ao diálogo, força-nos à greve, responde às nossas reivindicações com cassetetes, bombas, prisões e até mesmo o assassinato de trabalhadores. As recentes greves, como as do ABC paulista, comprovam que o Governo, comprometido com os interesses das multinacionais, tem nos trabalhadores uma ameaça a ser contida, um inimigo a ser reprimido, uma classe excluída do processo político, um exército de mão-de-obra barata que deve ser intensamente explora-

do pelo capitalismo selvagem que nos domina.

No Brasil hoje, a lei só existe para os trabalhadores. Os patrões fazem as leis e agem acima delas. Quando a lei nos dá razão, o Governo obriga os juizes a mudar suas sentenças, de modo a poder atirar-nos à ilegalidade, expostos à mais severa repressão.

Ora, importa-nos o que é justo e legítimo. E não é justo trabalharmos 12 ou 13 horas por dia, ganhando dez vezes menos do que um operário europeu. Não é justo que os menores recebam, por trabalho equivalente ao do adulto, metade do salário. Não é justo que a gravidez seja, para as trabalhadoras, aviso-prévio de desemprego. Não é justo que as empresas neguem creche às nossas companheiras de trabalho. Não é justo que, aos 35 anos, sejamos considerados velhos demais para a atividade produtiva...

Nossa luta já não é apenas reivindicativa, por melhores condições de trabalho e maiores salários. Lutamos por garantias sociais, como a estabilidade no emprego. A rotatividade da mão-de-obra é, no Brasil, uma das mais altas do mundo, gerando incontável número de marginalizados e desempregados. Lutamos pela organização política da classe trabalhadora, por seu direito de participação na vida política de nosso país, de modo a tornar os trabalhadores sujeitos de sua própria história, capazes de decidir os rumos de seu futuro e de construir uma sociedade sem opressores e oprimidos.

Nessa luta, identificamos a presença companheira da Igreja, incentivando-nos, colocando-se evangelicamente a serviço de nossas aspirações, abrindo seus templos quando já não dispomos de locais de reuniões, emprestando-nos sua voz quando somos silenciados pelas armas do poder autoritário. Nessa Igreja perseguida por causa da justiça e comprometida com a libertação integral do nosso povo, reconhecemos a verdadeira face do Cristo anunciado no Evangelho.

Sabemos, Companheiro, que a nossa luta é a luta de todos os explorados do mundo. Ao Pastor Universal, pedimos que a sua Igreja seja sempre solidária com os pobres da terra, fazendo ressoar os seus clamores e ajudando-nos a estabelecer laços de efetiva união entre trabalhadores de todos os países.

A sua benção encoraje-nos ainda mais no esforço em prol de um futuro melhor para a classe trabalhadora brasileira.

O nosso abraço de companheiro a companheiro.

ANIZIO BATISTA DE OLIVEIRA

ANTONIO AUGUSTO OLIVEIRA DE CAMPOS

ARNALDO GONÇALVES

HELIO BOMBARDI

JACÓ BITTAR

JOAQUIM ARNALDO DE ALBUQUERQUE

JOÃO PAULO PIRES VASCONCELOS

LUIZ INÁCIO DA SILVA (LULA)

OLIVIO DE OLIVEIRA DUTRA

WALDEMAR ROSSI

*Luiz B. de Oliveira*

*[Signature]*

*[Signature]*

*[Signature]*

*[Signature]*

*[Signature]*

*[Signature]*

*[Signature]*

*[Signature]*

*[Signature]*

CHAMPIONI

ROSA

DE FIAS

AVALIAÇÃO DO PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES DO ANO DE 1.988

CAMPO SINDICAL

- Pequena participação nos cursos de formação dos militantes da P.O.
- maior aproximação da P.O. com o calendário sindical
- Não é papel da P.O. fazer campanha de sindicalização
- É preciso uma maior participação do processo de formação
- Formação conjunta Coordenação P.O. e sindicato
- Reuniões mensais - formação sistematizada.

CAMPO POLÍTICO - POPULAR

- No conjunto da P.O. cumprimos todo o planejamento
- PISTAS - pra ajudar no planejamento - cuidado com as palavras. Ex. Criar e contribuir.
- Não colocar muitos pontos no planejamento pra que não dificulte e aumente de mais as tarefas e não seja possível cumprir.

CAMPO ECLESIAL

- P.O. é vista como partido ou sindicato
- Não fazem ligação da P.O. com o conjunto das pastorais da Igreja
- Boa participação dos tempos da Igreja - Campanha da Fraternidade, Natal, bom pro relacionamento.
- Debates - negros, etc. Esta bastante devagar- as vezes falta de espaço
- Mais formação pra atuar na pastoral de conjunto
- Atuar na paróquia levando a proposta da P.O.
- Formação para animadores dos grupos de base.

NIVEL INTERNO

- \_ Divulgação do trabalho da P.O.
- Debilidade de entender a propria realidade da Igreja

AVALIAÇÃO DO LIBERADO

- Tentei fazer acompanhamento dos grupos já existentes e os em formação acompanhando a partir da realidade dos grupos.
- Tenho que fazer um planejamento proprio do liberado
- A coordenação tem que ajudar a indicar prioridades ao liberado

- O liberado só existe em função da necessidade
- maior troca entre os grupos de base.
- planejamento mais aprofundado

#### AVALIAÇÃO DA SECRETARIA

Março e abril - adaptação ao novo emprego e também preparativos pra SEMANA DO TRABALHADOR

MAIO - preparativos da semana e do 1º de maio

JUNHO - preparar o nosso encontro de dois dias em julho

AGOSTO - PREPARAÇÃO da ROMARIA DO TRABALHADOR  
encontro nacional dos liberados

SETEMBRO - ROMARIA DO TRABALHADOR

OUTUBRO E NOVEMBRO - preparação das assembleias regionais SBC e DDA, também assembleia diocesana em conjunto com a executiva da P.O. diocesana e ajuda à P.O. nacional preparando o encontro dos ex-cursistas de janeiro.

- . participação na executiva diocesana
  - coordenação diocesana
  - coordenação estadual
  - eleições químicos / MUNICÍPAIS

#### NEGATIVO

- . não encaminhou videos da semana do trabalhador
- . cartas atrasadas
- . algumas informações paradas
- . falta de clareza do papel da secretaria muitas vezes

#### PISTAS - para 89

- . trabalhar mais a questão dos grupos de base
- . acompanhar mais diadema
- . combinar melhor os horários com o liberado pra que haja maior presença no plantão.

#### AVALIAÇÃO DA COORDENAÇÃO DA P.O. SBC

A COORDENAÇÃO tem por objetivo:

- Coordenar os trabalhos da reunião mensal em conjunto com a secretaria e liberado;
- Se encarregar de preparar a pauta das reuniões mensais.
- Assessorar e acompanhar os grupos de base - principalmente na questão da formação - ajudando o grupo a se desenvolver cada vez mais.
- Se preocupar com a formação de todos os militantes da P.O. no geral;
- Participa da coordenação diocesana da P.O.;
- Intensificar a formação nos diversos campos de atuação da P.O.;

## PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES PARA O ANO DE 1.989

### CAMPO POPULAR

- Conselho popular - relação com o movimento popular e o poder público
- Participação das discussões das Leis Organicas
- Incentivar a criação de grupos de bairro - educação, saúde, moradia, etc. com reivindicações específicas.
- Todo militante ter em mãos o programa de governo em todas as áreas de trabalhos específicos dos movimentos populares.
- Contribuir na formação das lideranças.

### CAMPO SINDICAL

ATUAÇÃO - sempre presente e atuando no sindicato e na categoria, participando ativamente nas lutas da categoria, e também na medida do possível dos cursos de formação promovidos pela direção do sindicato.

FORMAÇÃO - Dívida Externa e Interna

- Cursos de formação - Capital/Trabalho
- Relação Partido X Sindicato
  - relação Sindicato X Partido

### CAMPO POLÍTICO PARTIDÁRIO

- Participação ativa na política
- Acompanhar prioritariamente o partido - secretaria de nucleação, conselhos populares, etc..
- Forçar uma política de formação de novos quadros.
- Defender uma postura crítica.
- Incentivar a filiação e fortalecimento dos núcleos

FORMAÇÃO - DISCUTIR NA ÓTICA DA FÉ TODA ESTA PARTICIPAÇÃO - ( Nossa militância).

Análise de conjuntura mais aprofundada

### CAMPO ECLESIAL

- Encontro de formação de conjuntura eclesial de cada paróquia da região.
- Incentivar a pastoral de conjunto a discutir Fé e Política.
- Fundamentação Bíblica e Teológica - necessidade de maior aprofundamento
- Trabalhar em conjunto com a Juventude Trabalhadora:
  - . Semana da Juventude
- Semana do trabalhador nos bairros
- Levar a discussão sobre a administração popular para dentro das comunidades

## continua avaliação da coordenação

- Na coordenação existem dois (02) assessores, que ajudam a coordenação assumir seu papel;
- Existem também agentes (padres e freiras) que acompanham o trabalho nos Grupos de Base em conjunto com o Liberado.
- A coordenação se reúne uma vez por mês - 15 dias antes da reunião ordinária mensal - para preparar a pauta da mesma.
- Este ano a coordenação fez dois encontros de formação - pra discutir também assuntos internos da própria coordenação, e da P.O. como um todo.

### ANÁLISE DE CONJUNTURA - LEVANTAMENTO DE PONTOS DA CONJUNTURA PRA AJUDAR NO PLANEJAMENTO DE 1.989

#### POPULAR

- Depois do partido ter tomado o poder, a tendencia é crescer mais o movimento popular, porque é um partido que teve suas raízes também no movimento popular.
- Temos que garantir:
  1. Autonomia do movimento - sem cooptação pelo partido;
  2. Desenvolver cursos de capacitação na área dos movimentos para impedir que o movimento seja cooptado e engolida - ( mesmo porque o partido tem proposta pro movimento popular).
  3. Discutir também a dimensão estratégica do movimento popular em relação a mudança da sociedade - a questão da revolução.
- Importante discutir a questão da Dívida Externa, popularizar mais esta questão, mesmo porque as consequências de uma má moradia, saúde, etc., vem deste problema economico do Brasil.
- E também porque na constituinte passou a questão da participação popular.

## POLÍTICA

- O PT vai ser governo e isso implica numa mudança de comportamento nosso com relação ao Governo Municipal. Vamos deixar de ser oposição, mudança de postura.

O voto no PT não foi apenas protesto, foi porque também o PT tem sido coerente com a sua proposta - clara e definida. E daqui pra frente quem não tiver proposta definida e clara não tem valor ao povo.

A vitória do PT é boa a nível político mas principalmente social. Porque a situação está péssima e a resposta do povo foi esta.

Agora o passo mais importante depois da campanha é não abandonar tudo, ou seja temos que ter claro como caminhar - inclusive mandando propostas à Câmara de Vereadores - acompanhar de perto.

Importante é que no caso do Estado de São Paulo - não ganhamos em locais isolados - mas sim em regiões.

Temos que nos perguntar - EM QUE PODEMOS AVANÇAR ?

O QUE PODEREMOS PROPOR EM TERMOS DE PLANEJAMENTO ?

Num momento eleitoral os princípios do partido vão pra gaveta, talvez pra nós que entendemos que eleições é apenas um espaço temos como responsabilidade garantir:

- que este espaço se concretize
- que o processo de luta avance mais ( tirar os princípios da gaveta e começar de novo).
- Não ficar na política de amigos
- fazer auto- crítica

Muitos militantes no processo de eleição foram de fato sujeitos do processo o interessante é que continuem ajudando a construir esta administração e também o partido.

## SINDICAL

- Porque os grandes centros industriais não estão fazendo greves e sim o setor de serviços. Porque ?

Porque no período de 84 a 86 as empresas investiram muito em tecnologia, e ao mesmo tempo caçando muitas lideranças.

- Cada vez que cresce a automação cresce mais o setor de serviço.

- Falta liderança de expressão no movimento sindical

- A ligação com a conjuntura política de agora, é que ao que tudo indica a medida que o partido faz uma política aberta, transparente, a tendência da CUT e dos sindicatos combativos é crescer e fortalecer cada vez mais.

- O pacto pode cair porque a esquerda ganhou nas cidades onde existe maior número de trabalhadores e fábricas.

- Devido a Campanha das eleições a CUT de certa forma ficou distante das lutas da classe trabalhadora, mesmo o "NÃO" ao pacto não ficou muito claro.

- Desafio da P.O. - Com a preocupação de ajudar na formação de um poder popular corre-se o risco de ficar discutindo uma única coisa, e esquecer outros movimentos.

INFORMES

- ASSEMBLÉIA DIOCESANA - Acontecerá nos dias 10 e 11 de DEZEMBRO de 1.988 - no Pico do Jaraguá.
- As pessoas que vão pra Assembléia irão se encontrar as 7H da manhã do dia 10 - na estação de trem de Santo André.
- A secretaria diocesana vai mandar uma cartinha com todos os detalhes.

FESTA - CONFRATERNIZAÇÃO NO FIM DO ANO

Vai ser no dia 17.12.88

HORÁRIO - apartir das 19:30H

LOCAL - casa da SILVIA e do GILBERTO do BAETA -  
RUA - Dr. AMÂNCIO DE CARVALHO, 767 - BAETA - SBC  
FONE - 448.3040 - PONTO DE REFERÊNCIA - CREC DO BAETA

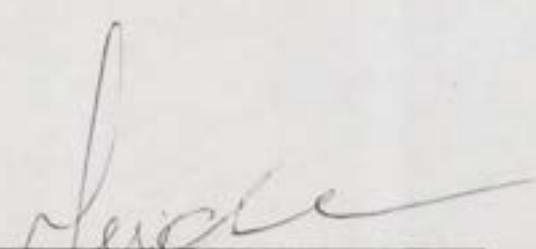
CADA PESSOA VAI COLABORAR COM NO MÍNIMO cz\$ 1.500,00 para a festa.  
ESTA COLABORAÇÃO TEM QUE SER ENTREGUE NA MATRIZ ATÉ O DIA 13 de DEZEMBRO COM A NEIDE ou o ZÉ FARIA.

COMISSÃO PRA PREPARAR A FESTA - NEIDE  
SILVIA  
MARIA  
BEZA  
VANDA  
ZÉ FARIA

\*\*\*\*\*

FICOU ACERTADO QUE EM FEVEREIRO VAMOS DISCUTIR A QUESTÃO DA SEMANA DO TRABALHADOR.

Terminamos a reunião rezando para que este planejamento que fizemos consigamos levá-lo com seriedade, contribuindo cada vez mais no avanço das lutas dos trabalhadores.

  
\_\_\_\_\_  
Neide Gomes - secretária  
P.O. - SBC

MOVIMENTO POPULAR E MOVIMENTO OPERÁRIO

. roteiro para discussão .

- 1. Movimento popular = todas as formas de organização de base ao nível de bairro (relações de vizinhança e igualdade de condições sociais): clubes de mães, loteamento clandestino, grupo de teatro, jornais de bairro, associação de moradores, movimento contra a carestia, etc.
  
- 2. Movimento operário = todas as formas de organização de base ao nível de classe (na linha da luta de libertação da classe): comissões de fábrica, grupo inter-fábrica, oposição sindical, comandos de greve, sindicatos identificados com essa linha, etc.

Na saída da fábrica

MARIA: Muita gente anda falando em abertura. O que é isso?

ANA: É o regime brasileiro mudando de jeito.

MARIA: Não diga! O regime repressivo está mudando?

ANA: O regime não. O jeito dele é que está ficando diferente.

MARIA: Por que isso?

ANA: De um lado, por causa de nossas lutas: o crescimento do movimento popular e operário, a mobilização da ~~parte~~ parte da classe média marginalizada do processo político, as campanhas em torno dos Direitos Humanos. De outro lado, o fracasso do "milagre" econômico, a necessidade de o regime ter mais sustentação política e a nova situação internacional - tudo isso provoca essa mudança de jeito chamada "abertura".

MARIA: Ah, por isso é que veio essa anistia parcial e, agora, falam em acabar com o MDB e a ARENA para formar novos partidos?

ANA: O Governo procura reformar a casa (= o poder militar a serviço do capital estrangeiro) para que ela possa durar mais. Nada indica que os donos da casa estão dispostos a abandoná-la

ou passá-la para as mãos das lideranças civis. Porém, há uma mudança de jeito que, no momento, abre mais os espaços de conscientização, organização e mobilização da base popular.

Você sabia que:

Desde 1966, começa o trabalho da oposição sindical, pondo em xeque a estrutura que, ainda hoje, mantém o sindicato vinculado ao Estado e impede as relações inter-sindicais - o que favorece o aparecimento de pelegos. Graças ao trabalho da oposição, houve renovação nas lideranças sindicais. Isso permitiu o surgimento de movimentos expressivos que contribuíram para levar a classe operária a aprofundar suas formas de luta (1968 - Osasco e Contagem).

Por causa do controle do regime sobre os sindicatos - muitas vezes, reduzidos ao assistencialismo - e por causa do sistema de controle dentro das fábricas, o bairro passou a ser o lugar mais apropriado para a reorganização operária. Isso permitiu a ligação entre movimento popular e movimento operário. O movimento popular, no bairro, passou a ajudar a sustentar as lutas do movimento operário (como as greves). Por sua vez, o movimento operário ajudou o movimento popular a despertar para a questão básica de sua continuidade e eficácia: a questão do caráter de classe de suas lutas.

À porta do sindicato

MARIA: Que negócio é esse de caráter de classe?

ANA: No bairro, a gente faz lutas por melhoria de transporte, água, esgoto, etc. Muitas vezes, a gente fica só na reivindicação imediata, sem ligar a luta no bairro com a luta da classe operária.

MARIA: E quando a gente liga, o que acontece?

ANA: Acontece que a gente passa a enxergar o que está por trás do transporte, da água e do esgoto: todo o sistema de poder que existe por trás de uma prefeitura. A gente começa a entender que os interesses do capital (e, portanto, dos capitalistas) vão contra os interesses do trabalho (e, portanto, dos trabalhadores).

MARIA: Já entendi: caráter de classe é ligar a luta do movimento popular ao carro da libertação do movimento operário, de modo a lutar até atingir o alvo principal: o fim da diferença de interesses entre capital e trabalho.

ANA: É isso mesmo. Essa contradição só vai acabar no dia em que os trabalhadores forem donos de seu trabalho e do capital na forma de meios de produção (=fábricas, usinas, terras, etc.).

### A questão do partido

Quando falamos em partido político não devemos colocar a coisa em termos de concorrência com as comunidades de Igreja ou como algo que, inevitavelmente, absorveria ou esvaziaria os movimentos populares autônomos e as organizações operárias de base. O partido não é uma questão que possa ser evitada. É uma necessidade de organização e mobilização de todos os setores da sociedade em função da mudança de poder político. As forças populares não se apoderam do aparelho de Estado senão através de um conduto político - tenha esse conduto o nome de partido, grupo ou movimento, não importa.

### No piquete

MARIA: Como é que você vê a formação desse partido?

ANA: Pra gente fazer feijoada, é preciso pôr toucinho, pé de porco, orelha, linguiça, tudo na mesma panela. Ora, no caso do partido a gente não pode querer que ele seja a soma dos movimentos de base - mas sim o resultado, politicamente organizado, da prática desempenhada pelos movimentos de base.

MARIA: Mas a gente deve escolher os movimentos de base ou o partido?

ANA: A coisa não pode ser colocada na base do isso ou aquilo. Devemos garantir a autonomia do movimento popular e operário (do clube de mãe à comissão de fábrica) e, ao mesmo tempo, criar condições para que esses movimentos interfiram - através de um conduto político - no sistema legislativo-judiciário e no poder <sup>e</sup> executivo.

MARIA: Mas esse conduto não vai ter de aceitar as regras do jogo dirigido pelo poder burguês?

ANA: <sup>Sim, mas há</sup> momentos ~~em~~ em que esse poder burguês castra, de tal modo, o conduto que exprime as aspirações populares, que não resta ou tra alternativa ao conduto senão furar o bloqu<sup>e</sup>io do poder burguês e estabelecer suas próprias regras do jogo.

Você sabia que:

O Governo anda de olho gordo nos movimentos de base. Para se apoderar deles, anda criando, pe lo país, centros comunitários, centros de vivên - cia, conselhos comunitários, etc. É a política de absorver para neutralizar. Como não consegue impe dir o ppvo de se organizar, o Governo quer contro lar nossas formas de organização, dando a gente a ilusão de participar nas decisões administrativas e políticas. Assim, ele pretende criar seus "cur - rais eleitorais". Outra coisa: essa legalização do movimento popular - em conselhos comunitários, etc. - faria com que tudo aquilo que não ficasse debaixo desse guarda-chuva populista fosse coná - derado ilegal - e, portanto, alvo da repressão. É isso aí...

O que interessa no partido

A questão do partido não pode ser discutida super - ficialmente, ou seja, em torno de siglas ou de pessoas que encarna - riam esta ou aquela proposta. Num partido, o que interessa é o ca - ráter de classe que predomina em sua direção e o conteúdo de seu programa de ação.

Na formação do partido deverá ser assegurado:

1. opção pelas classes populares;

2. respeito e incentivo à autonomia das organizações populares de base;

3. incentivo às formas de organização de base que expressem o interesse de libertação das classes populares;

4. valorização de todas as formas de educação que favorecem o projeto de libertação do povo;

5. democrácia, não apenas como uma questão de princípio, mas sobretudo como uma questão de prática nas decisões e na direção partidárias.

### 1. Opção pelas classes populares

Quem não define claro essa opção, corre o risco:

- . de querer encobrir a luta de classe
- . de ressuscitar o populismo
- . de fazer do povo mera clientela eleitoral
- . de achar que o partido é uma máquina cujo botão fica nas mãos de meia-dúzia de pessoas - que se julgam donas de toda a sabedoria política - sem nenhum engajamento no movimento popular e operário.

### No bairro

MARIA: Como a gente vai saber se o partido tem condições de representar as nossas aspirações políticas?

ANA: Vendo se, dentro dele, predomina o proletariado urbano e rural.

MARIA: Mas basta a presença física de trabalhadores?

ANA: Não. É importante que os trabalhadores presentes na direção do partido tenham consciência de classe, sejam militantes do movimento popular, das organizações operárias de base, saibam o papel histórico que nossa classe tem a desempenhar na libertação do povo.

MARIA: Um partido assim vai cair do céu?

ANA: O melhor seria que essa proposta partidária surgisse como obra das classes populares - mesmo que as regras do jogo partidário, definidas pelo ~~governo~~ Governo, não permitam que <sup>se engajando</sup> a nossa proposta se oficialize.

MARIA: E uma coisa que não é oficial não é ilegal?

ANA: De jeito nenhum. Veja o caso do movimento contra a carestia, da oposição sindical - nada disso é oficial, legalizado, mas é legítimo. ■

MARIA: Mas, e se a gente não puder formar o partido que corresponda aos nossos interesses políticos?

ANA: Importa que as classes populares conduzam e exerçam sua prática política - pois, só nessa prática a gente vai aprender a não ficar no espontaneísmo (achando que miséria produz conscientização), a não prender-se no sindicalismo (achando que o sindicato é gato de sete folegos), a não lutar só por reivindicações imediatas (água) e econômicas (salários).

MARIA: Compreendo: necessitamos, para o movimento popular e operário, <sup>etc</sup> um instrumento de luta política.

ANA: E pode ser que esse instrumento não chegue a ser um partido, de acordo com o modelo do Governo. Mas, na época de eleições, ele atuaria como instrumento de apoio a programas e candidatos - ou mesmo como fração autônoma de um dos partidos oficiais, fazendo coligações provisórias. O importante é que o instrumento das classes populares não perca seu caráter de libertação no programa reformista de algum partido oficial, ainda que de oposição.

## 2. Respeito e incentivo à autonomia das organizações populares de base

As classes populares devem:

- . continuar se organizando em todos os níveis e de todas as formas
- . conservar a autonomia de seus núcleos de base
- . não deixar que esses núcleos virem redutos eleitorais ou simples matéria-prima a ser fundida na formação do partido

Saiba que: - um partido incapaz de respeitar a autonomia das iniciativas populares é um partido que reconhece sua própria falta de representatividade e é um partido de origem política artificial, desligada da prática popular. Por isso, esse partido mete as mãos pelos pés, procurando impor-se à prática popular.

- um partido sem ligações com a base popular organizada só pode crescer às custas do a-

parelho ideológico (rádio, TV, jornais) da classe dominante - e isso tem um preço!

3. Incentivo às formas de organização de base que exprimem o interesse de libertação das classes populares

Falamos, aqui, do movimento operário em suas formas de organização de base consciente: comissões de fábrica, grupos inter-fábricas, núcleos de oposição sindical, etc. São formas de organização específicas dos trabalhadores. Não devem se fundir numa estrutura partidária. Nem concorrer com uma estrutura partidária - ainda que essa estrutura nasça da classe operária.

Um partido que não respeita e incentiva as formas autônomas de organização de base da classe operária é como um sindicato que combate a formação de comissões de fábrica. Ora, nos galhos da árvore social só nasce bons frutos se o tronco estiver bem firmado nas raízes e as raízes estiverem bem aprofundadas no chão da realidade e da vida.

4. Valorização de todas as formas de educação que favorecem o projeto de libertação do povo

Existem hoje, por aí, muitas iniciativas na linha da educação popular:

- atividades da Igreja
- medicina comunitária
- cursos de legislação trabalhista
- grupos de teatro e arte em geral
- treinamentos de lideranças
- etc.

Você sabia que

essas iniciativas ajudam o povo a assumir a direção de seu destino histórico. Seria um erro querer enfiar todas elas no balaio partidário. Ou exigir que cada uma delas tenha um discurso político bem claro e preciso - isso seria asfixiá-las, impedindo

as classes populares de darem os passos pedagógicamente necessários para atingir formas mais amplas de luta.

A educação popular é:

- . um processo permanente
- . algo que deve existir mesmo dentro de um partido
- . quem se julga em condições de educar o povo é justamente quem mais precisa ser educado pelo povo
- . fora da prática popular ninguém educa nem é educado - mas se deseduca
- . perigo: quando alguém, lá do alto da direção partidária, quer educar ou conscientizar a base popular, sem ter contato com a prática popular - portanto, sem se deixar reeducar pela prática popular.

5. Democracia, não apenas como uma questão de princípio, mas sobretudo como uma questão de prática nas decisões e na direção partidárias.

Em suas organizações de base, a classe operária faz sua prática de democracia - as propostas são discutidas, todos opinam, as decisões são comuns. Quando é o contrário, ou seja, só um grupinho decide, o movimento anda devagar, fica difícil, amarrado.

Um partido que represente as aspirações da classe operária e do movimento popular terá que ser um partido com muita democracia interna, onde as bases possam participar das decisões e possa influir na direção. Assim, as bases exercem o seu poder popular. Caso contrário, teremos "muito cacique e pouco índio"...

Quem representa a classe operária?

O Governo vai impor regras para a formação de novos par

tidos. Pode ser que as classes populares, unidas aos setores mais combativos da classe média, consigam oficializar um ou mais partidos que representem os seus interesses de libertação.

Pode ser que não.

O importante é a luta pela libertação não ficar no trilho das regras oficiais.

Nem cair na discussão se este ou aquele grupo político é ou não é a vanguarda das massas ou o partido do proletariado .

Não é a fala de um grupo que prova isso. Ninguém pode ser juiz de si mesmo. Não se julga um grupo ~~por~~ por aquilo que ele fala, mas sim por aquilo que ele faz.

A classe operária é quem vai dar a este ou aquele partido, movimento ou agremiação, a sua representatividade de classe - e, isso, através da prática política dos trabalhadores, gerando, nessa prática, as suas formas de expressão e os seus instrumentos de luta.

Sob o controle dos trabalhadores, o instrumento político deve estar aberto a todas as pessoas e setores de ~~outras~~ outras classes que se coloquem ao lado da luta da classe operária, buscando o fim da contradição capital x trabalho e o começo de uma sociedade de justiça e liberdade.

São Bernardo do Campo, 27 de junho de 1985.

Como vai companheiro (a)?

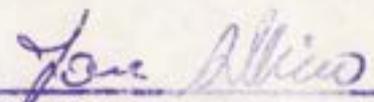
Vimos convidá-lo (a) para o nosso encontro que se realizará nos dias 06 e 07 de julho no Instituto Paulo VI, em Taboão da Serra.

Nesse encontro faremos uma avaliação das atividades do primeiro semestre e discutiremos novas diretrizes para a Pastoral Operária, e as atividades do segundo semestre.

Serão desenvolvidos dois temas de muita importância, devido a atual conjuntura, que são: "Teologia da Libertação" com enfoque no caso Boff, para o qual será enviado um texto de base para a discussão; e "Nossa militância no sindicato, movimento popular e partido", com aprofundamento em cima desses temas. Portanto, é de fundamental importância a presença de todos, e pedimos o favor de confirmar sua ida o mais breve possível com o Zé Albino - tel. 448-1686.

No sábado à noite teremos as brincadeiras e faremos uma festa caipira. Se você tiver roupas próprias pode levar e prepare-se para a quadrilha.

Aguardando sua comunicação, despedimo-nos com um grande abraço,

  
P/ PASTORAL OPERÁRIA DE SBC.

# PASTORAL OPERARIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO

## RESULTADO DA PESQUISA

1. QUESTIONARIOS RESPONDIDOS: 35 (O que dá uma boa amostra do perfil da PO).

2. HOMENS: 16      MULHERES: 19

### 3. ESTADO CIVIL:

SOLTEIROS

 48%

CASADOS

 32%

VIUVOS

 6%

SEPARADOS

 14%

### 4. FAIXA SALARIAL:

HOMENS

MULHERES

 MENOS DE 1 SALARIO-MINIMO

6%

0%

 DE 1 A 3 SALARIOS

25%

16%

 MAIS DE 3 SALARIOS

69%

64%

 SEM SALARIO (DESEMPREGADO OU DONA DE CASA)

0%

20%

### 5. MORADIA

 PROPRIA 63%

 ALUGADA 34%

 FAVELA 3%

### 6. NIVEL DE ESCOLARIDADE:

HOMENS 

MULHERES 

 PRIMARIO

38%

21%

 SECUNDARIO

44%

26%

 UNIVERSITARIO

6%

47%

 PROFISSIONAL

12%

 EM BRANCO

6%

7. PROFISSÃO:	HOMENS	MULHERES
 OPERARIOS	56%	32%
 DOMESTICAS		16%
 PROFESSORAS		21%
 PROFISSIONAIS LIBERAIS		15%
 APOSENTADOS	19%	
 FUNCIONARIOS PUBLICOS	12%	16%
 SINDICALISTA	7%	
 LIBERADO DA PO	6%	

8. SINDICALIZADOS:  MULHERES: 53%

 HOMENS: 69%

9. PROFISSÃO QUE GOSTARIA DE TER:

♂ HOMENS: eletricista (2) - autônomo (1) - comerciante (1) - mecânico (1) - engenheiro naval (1) - motorista (1) - metalúrgico (1) - operador de máquinas (1) - jornalista (1) - relações públicas (2) - eletrônica (1) - agrônomo (1) - indigenista (1)  
TOTAL: 16

♀ MULHERES: lidar com carentes (1) - liberada p/ movimento popular (3) - advogada (1) - historiadora (1) - cientista social (1) - sitiante (1) - química (1) - recepcionista (1) - psicóloga (2) - pintora (1) - comerciante (1) - relações públicas (2) - sem resposta (1) - funcionária pública (1) - copeira (1)  
TOTAL: 19

10. TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NA PO: MULHERES HOMENS

1 mês	5%	6%
3 meses	5%	12%
5 meses	5%	
7 meses	10%	
1 ano		6%
1 ano e 1/2	5%	
2 anos	26%	6%
3 anos	16%	19%
4 anos		12%
5 anos		19%
6 anos		6%
+ de 6 anos	28%	14%

11 PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE BASE: HOMENS MULHERES

 SIM	81%	89%
 NÃO	19%	11%

12. PARTICIPAÇÃO EM OUTROS MOVIMENTOS PASTORAIS.

	HOMENS	MULHERES
LEIÇÃO DE MARIA	6%	
CATEQUESE	12%	16%
PAROQUIA	19%	21%
PAST. JUVENTUDE	6%	
PAST. DA SAUDE	6%	11%
CÉBs		5%
CIRCULO BIBLICO		5%
GRUPO DE ORAÇÃO		
NENHUM	51%	41%

13. COMO COSTUMA REZAR: HOMENS (16) MULHERES (19)

DIARIAMENTE	11	9
DE MANHÃ	8	5
À NOITE	8	14
NA IGREJA	7	5
NA RUA	4	5
EM CELEBRAÇÕES	5	5
LENDO A BIBLIA	3	1
EM COMUNIDADE	4	5
NA SOLIDÃO	6	8
INCOMPREENSIVEL	1	

14 COMO GOSTARIA DE REZAR: HOMENS MULHERES

COMO JA' FAÇO	1	
ESPONTANEAMENTE	1	1
EM COMUNIDADE	2	5
NA SOLIDÃO	4	4
COLADO NA REALIDADE	2	2
PENITENCIAL	1	
EM FAMILIA	1	1
MEDITANDO A BIBLIA		1
SEM PREFERENCIA	3	
SEM RESPOSTA	5	8

15. QUANDO COSTUMA LER A BIBLIA:		HOMENS	MULHERES
<input type="checkbox"/>	RARAMENTE	25%	21%
<input type="checkbox"/>	DIARIAMENTE	25%	11%
<input type="checkbox"/>	1 VEZ POR SEMANA	37%	47%
<input type="checkbox"/>	1 VEZ AO MES	7%	5%
<input type="checkbox"/>	NÃO LEIO	6%	10%
<input type="checkbox"/>	SEM RESPOSTA		6%

16. HABITO DE LEITURA:		HOMENS	MULHERES	LIVROS LIDOS EM 90
		5		0
		4		1
		4		2
		2		3
		1		4
		1		20
			3	0
			2	1
			4	2
			1	3
			2	4
			3	5
			1	7
			1	30

### 17. AUTORES MAIS CITADOS:

Reginaldo Veloso - Marilena Chauí - Frei Betto - Pedro Casaldáliga - Carl Rogers - Gilberto Dimenstein - Machado de Assis - Paulo Coelho - Umberto Eco - Sidney Shelson - James Clavell - Paulo Freire - Gramsci - Henrique Dussel - Bartolomeu de las Casas

### 18. TEMAS E TITULOS PREFERIDOS:

História da Classe Trabalhadora - Biografia do Lula - Bíblia - Catequese - Romances - Campanha da Fraternidade - O Alquimista - Che

19. GOSTARIA DE VISITAR GRUPOS DE PO DAS REGIÕES:

	HOMENS	MULHERES
SIM	87%	84%
SEM PREFERENCIA	12%	21%
EM BRANCO	12%	15%
REGIÃO NORTE	12%	21%
REGIÃO NORDESTE	6%	26%
MINAS GERAIS	19%	5%
ESTADO DO RIO	12%	
SUL		10%
ABC	6%	
OUTROS ESTADOS	21%	2%

20. CONSIDERA PRIORITARIO A PO INVESTIR NA FORMAÇÃO:

	HOMENS	MULHERES
BIBLICA	31%	31%
POLITICA	37%	16%
SINDICAL	6%	5%
SEXUAL		5%
MOVIMENTOS POPULARES	6%	5%
ORATORIA	6%	10%
REDAÇÃO		5%
OUTRAS	14%	23%

21. O QUE PENSA DAS CELEBRAÇÕES NA PO:

	HOMENS	MULHERES
IMPROVISADAS		
BEM PREPARADAS	9%	26%
BOM CLIMA DE ORAÇÃO	81%	63%
MUITO POLITICAS	2%	2%
DEVIAM SER MAIS LONGAS		
DEVIAM TER MAIS CANTOS	4%	5%
DEVIAM TER MAIS SILENCIO	3%	2%
NÃO RESPONDERAM	1%	2%

22. FILIAÇÃO PARTIDARIA:

	HOMENS	MULHERES
FILIADOS A PARTIDOS	81%	37%
NÃO FILIADOS	19%	63%
NUCLEO DE BASE	63%	68%
DIRETORIO MUNICIPAL	25%	16%
DIRETORIO ESTADUAL	12%	16%

## COMENTARIOS SOBRE OS RESULTADOS DA PEQUISA

1. QUESTIONARIOS RESPONDIDOS: O número de 35 questionários respondidos é bastante significativo. Vale como pesquisa por amostragem, como faz o Ibope e outros institutos de pesquisa. Isso quer dizer que, considerando o número de militantes da PO, ainda que o questionário tivesse sido respondido por 70 ou 100 militantes, o resultado não sofreria grandes mudanças. Portanto, temos nesta pesquisa um retrato muito fiel do perfil da Pastoral Operária de São Bernardo do Campo.

2. HOMENS E MULHERES: O número de homens que responderam ao questionário - 16 - vale pelo índice 100, para cálculo de porcentagem. O mesmo para o número de mulheres - 19. Quando a resposta não diferencia sexo, o índice 100 equivale ao total de 35 questionários respondidos.

3. ESTADO CIVIL: A PO-SBC conta com uma participação relativamente equilibrada de militantes casados (32%) e solteiros (48%). O maior índice de solteiros revela a presença de militantes jovens. É preocupante, porém, o número de militantes separados (14%). Infelizmente o questionário não perguntou pelas causas de tais separações. Mas, por outro lado, é um bom sinal evangélico constatar que tais militantes separados se sentem acolhidos na Igreja através da PO.

4. FAIXA SALARIAL: Comparados à maioria dos trabalhadores brasileiros, os militantes da PO ganham salários acima da média. 69% dos homens ganham mais de 3 salários-mínimos e o mesmo vale para 64% das mulheres. Isso reflete a realidade do ABC, onde os níveis salariais costumam ser um pouco mais alto que a média do país. Os 25% dos homens e os 16% das mulheres que ganham de 1 a 3 salários-mínimos mostram que não chegamos a ser um grupo privilegiado, ainda mais considerando que 20% das mulheres não recebem nenhum salário.

Agora, é preciso que os nossos militantes colaborem um pouco mais com as finanças da PO.

5. MORADIA: 63% de nossos militantes possuem domicílio próprio - o que também reflete a realidade do ABC para os trabalhadores que têm profissão. Nossa presença nas favelas é quase insignificante: 3%. Devemos nos perguntar se não é o caso de intensificar nosso trabalho de nucleação (ou seja, conquista de novos militantes) na linha de nosso "opção pelos pobres".

6. NIVEL DE ESCOLARIDADE: 44% dos homens têm nível secundário e 47% das mulheres, universitário! A pesquisa demonstra que o grupo da PO tem

um nível de escolaridade acima da média da classe trabalhadora. Numa região fabril como o ABC, devemos nos perguntar se não estaríamos deixando de priorizar os trabalhadores de fábricas. Dos 35 questionários, só 1 apontava ter o curso primário incompleto.

7. PROFISSÃO: Quanto aos homens, a PO continua essencialmente integrada por militantes ligados diretamente à produção - 56% são operários! Não há profissionais liberais entre os homens. Entre as mulheres, 32% são operárias, o que é um bom índice, considerando o recente ingresso da mão-de-obra feminina na produção direta, e as demais se dividem entre domésticas (16%), professoras (21%), profissionais liberais (15%) e funcionárias públicas (16%).

8. SINDICALIZADOS: Excelente o índice de sindicalização entre os nossos militantes - 69% dos homens e 53% das mulheres.

9. PROFISSÃO QUE GOSTARIA DE TER: Entre os homens, a maioria apontou preferência por profissões operárias, como eletricitista, mecânico, motorista, metalúrgico, operador de máquinas, eletrônica. Aqueles que optaram por trabalhar "em contato com o público" foram contados como "relações públicas", que não é um termo feliz. As mulheres demonstraram maior tendência do que os homens por profissões liberais de nível universitário: advogada, historiadora, cientista social, química, psicóloga (o que é normal num grupo de mulheres com 47% com nível universitário de escolaridade).

Militantes que demonstram vontade de trabalhar em áreas como lidar com carentes (1), liberada para o movimento popular (3) e indigenista (1) devem dar seus nomes à Coordenação da PO, que poderá intermediar nesse sentido.

10. TEMPO DE PARTICIPAÇÃO NA PO: A maioria das mulheres já participa há mais de 2 anos e, a maioria dos homens, há mais de 3 anos. Isso demonstra que nossa PO tem muitos "veteranos". Precisamos trazer mais gente nova. Entre mulheres e homens, apenas 30% ingressaram nos últimos 2 anos. 2/3 de nossos militantes já participam há mais de 2 anos.

Por outro lado, a pesquisa mostra que, felizmente, a evasão ou a rotatividade de nossos militantes é pequena quando se trata de homens: 70% deles estão na PO há mais de 3 anos! E também 44% das mulheres.

11. PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS DE BASE: Excelente o índice de participação nos grupos de base - 81% dos homens e 89% das mulheres! Isso mostra que o valor que a PO tem dado à ampliação e ao fortalecimento dos grupos de base está surtindo efeito.

12. PARTICIPAÇÃO EM OUTROS MOVIMENTOS PASTORAIS: 19% dos homens e 21% das mulheres estão participando da vida paroquial. Se por um lado este índice demonstra que a PO não é indiferente à paróquia - como alguns costumam nos acusar - por outro fica claro que, somados aos índices de outras atividades paroquiais, como a catequese, o índice masculino sobe para 31% e o feminino, para 37%. O ideal seria que ultrapassássemos o índice de 50% na participação paroquial. Portanto, devemos estar atentos a este ponto.

A pesquisa revela que a PO nada tem de um movimento fechado em si mesmo, indiferente aos demais. 49% dos homens e 58% das mulheres estão participando de outros movimentos pastorais. Porém, quanto aos homens, é alto o índice dos que não participam de nenhum outro movimento pastoral: 51%.

13. COMO COSTUMA REZAR: Graças a Deus somos um movimento que valoriza a vida de oração. Nesta questão, não foi possível computar por porcentagem. Ficou claro que a maioria de nossos militantes reza todos os dias, ao menos pela manhã ou à noite, e que gostam de rezar tanto em celebrações comunitárias quanto na solidão ou quando estão sós na rua. Mas poucos lêem a Bíblia.

14. COMO GOSTARIA DE REZAR: Muitos não responderam, talvez por falta de clareza quanto a outros modos de rezar fora daqueles enumerados na questão 13. Mas é interessante observar que, entre os que apontaram uma alternativa, a maioria prefere rezar na solidão - o que derruba certa idéia de que militantes politicamente conscientes, como os da nossa PO, não valorizam o encontro com Deus no silêncio.

15. QUANDO COSTUMA LER A BIBLIA: Como já havia apontado a questão 13, a leitura da Bíblia ainda precisa ser mais incentivada entre nós. Os próprios militantes têm consciência disto, como o prova a questão 20, adiante. Porém, ao menos 37% dos homens e 47% das mulheres lêem a Bíblia uma vez por semana.

16. HABITO DE LEITURA: É pequeno o hábito de leitura na PO. Dos homens que responderam ao questionário, 1 já leu, só neste ano, 20 livros, mas os demais, somados, leram apenas 10! Como a maioria tem nível secundário e trabalha em fábrica, compreende-se a dificuldade para habituá-lo à leitura de livros. Já as mulheres, com maior nível de escolaridade, leram 22 livros, sem contar uma que leu 30!

A PO dispõe de uma pequena biblioteca e é preciso que os militantes peçam à Coordenação para lhes indicar e emprestar livros. Todos os livros

que estão à venda podem ser também emprestados.

17. AUTORES MAIS CITADOS: A maioria, ligados à problemática sócio-política e pastoral, como Reginaldo Velo, Marilena Chauí, F. Betto, Casaldáliga, Paulo Freire. Apareceram alguns livros de psicologia, como Carl Rogers, um autor esotérico, como Paulo Coelho, e dois romancistas burgueses, como Sidney Sheldon e James Clawell.

18. TEMAS PREFERIDOS: A maioria prefere temas ligados à classe trabalhadora e à pastoral, vindo em seguida a política e romances.

19. GOSTARIA DE VISITAR GRUPOS DA PO PELO BRASIL AFORA? A grande maioria diz que sim. Entre os homens, predomina a preferência explícita por Minas Gerais (19%). Entre as mulheres, pelo Nordeste (26%).

É preciso que a Coordenação procure organizar tanto viagens individuais quanto caravanas de militantes que possam visitar outros núcleos de PO pelo Brasil afora. Os interessados já podem dar seus nomes e o período em que estariam disponíveis para viajar à Coordenação, para que ela entre em contato com grupos de PO nos outros Estados.

20. PRIORIDADE NA FORMAÇÃO: Tanto homens quanto mulheres colocam a formação bíblica como prioritária. Porém, 37% dos homens gostariam de ser melhor formados na política. Poucos sublinharam a formação sindical, talvez porque haja, no ABC, outras instâncias de formação nessa linha. Alguns insistiram na formação específica para novos militantes.

Devemos traçar um programa de formação bíblica e de formação política para os próximos meses.

21. O QUE PENSA DAS CELEBRAÇÕES NA PO: 81% dos homens acreditam que há nelas um bom clima de oração, o que vale para 63% das mulheres. Mas todos gostariam que elas fossem melhor preparadas - os próximos encarregados das celebrações devem ficar atentos a isto. Pedem-se também mais cantos e momentos de silêncio - e que não sejam mais longos.

22. FILIAÇÃO PARTIDARIA: 81% dos homens estão filiados a um partido político. No caso das mulheres, a maioria - 63% - não está filiada a partidos. O que demonstra que a participação dos homens em partido político supera em muito a das mulheres.

Dos homens e mulheres que participam de política partidária, as mulheres estão mais na base (68%) dos que os homens (63%). 37% dos homens e 32% das mulheres são membros de diretórios municipal ou estadual - o que demonstra que os militantes da PO engajados na política

merecem em geral a confiança de seus companheiros de partido.

**Observações:**

---

4 questões não foram computadas em porcentagem, pois não podiam ser respondidas de forma objetiva.

A primeira, O QUE VOCE CONSIDERA FALHO NA PO. (25% dos militantes não responderam, deixando a questão em branco.) Falta de visão crítica ou receio de fazer crítica?

É impossível transcrever aqui todas as respostas, mas daremos aquelas que, de alguma forma, se repetiram em outras palavras:

- \* "Não encontrar uma fórmula para criar novos grupos de base e deixar alguns militantes saírem da PO".
- \* "Falta de entrosamento com outros movimentos de Igreja".
- \* "Falta maior esclarecimento do que seja a PO".
- \* "A distância da coordenação com os grupos de base e melhor esquematização da formação".
- \* "O grupo, como espaço de acolhimento e comunidade fraternal, apesar do esforço e de atendermos razoavelmente esta questão com os militantes que estão presentes, acho que somos relapsos com os ausentes. A saída de um militante poderia servir como momento de reflexão e amadurecimento do grupo, no sentido de avaliar até que ponto o grupo não "expulsa". Quero dizer que podemos reconquistar o companheiro e/ou aprender desta experiência".

EM SUMA: os dois pontos mais críticos são:

- 1) **fortalecimento dos grupos de base e sua relação com a coordenação;**
- 2) **formação dos militantes.**

A segunda questão - O QUE CONSIDERA DE POSITIVO NA PO - (que só uma pessoa deixou de responder) mereceu muitos comentários interessantes e animadores, como:

- \* "A visão profética que adquirimos, a alimentação da fé, o espaço de comunhão, de crítica e autocrítica, o aprendizado de metodologia de

trabalho... como síntese: aprendemos o que é amar".

- \* "A força que nos dá e a confiança de estar contribuindo com o projeto de Deus".
- \* "A exigência de compromisso com o Mundo do Trabalho".
- \* "A capacidade de elevar a nossa espiritualidade o nível do Evangelho e da luta".
- \* "O clima fraterno".
- \* "Momentos de oração e ação".
- \* "A participação nos movimentos populares, sindicais e partido".
- \* "Tudo é resolvido e decidido o mais democraticamente possível".

EM SUMA: Todos ressaltaram:

- 1) O clima de fraternidade existente na PO;
- 2) A valorização dos companheiros;
- 3) A prática interna da democracia;
- 4) A ligação entre fé e vida.

A terceira questão - O QUE VOCE ESPERA DA PO - (que só 2 deixaram de responder) mereceu respostas como:

- \* "Crescimento, mais participação na Igreja e no movimento popular".
- \* "Que continue sempre sendo o nosso incentivo, a nossa conscientização de vida".
- \* "Que a PO contribua na preparação de novos quadros para atuar na Igreja e na sociedade".
- \* "Abastecimento de fé, formação e incentivo na luta".

EM SUMA, a maioria insiste que a PO:

- 1) Dê melhor formação cristã e política a seus militantes;
- 2) Fortaleça os grupos de base;
- 3) Incentive o engajamento nos movimentos sociais e políticos;
- 4) Ajude a Igreja a construir o Reino de Deus.

A quarta e última questão - O QUE A PO PODE ESPERAR DE VOCE - (só 3 não responderam) mereceu respostas como:

- \* "Maior participação para que a PO alcance seus objetivos".
- \* "Compromisso com a luta do Reino e por uma nova sociedade".
- \* "Força, companheirismo, irmandade, amor, e o compromisso de estar lutando por uma sociedade melhor".
- \* "Contribuir na organização da PO e da classe trabalhadora".
- \* "Colaborar em tudo que estiver ao meu alcance".

EM SUMA:

- 1) Mais participação;
  - 2) Compromisso de luta por uma sociedade justa;
  - 3) Serviço à causa do Reino de Deus.
- 

**ATENÇÃO:** Todos os militantes devem reler atentamente esta apuração de nossa pesquisa, levá-la aos Grupos de Base e debatê-la com os demais companheiros, procurando levantar que novas tarefas tais conclusões exigem da nossa PO.

---

São Bernardo do Campo, 29 de julho de 1990

A Coordenação da Pastoral Operária - SBC

DOM CLAUDIO HUMMES, BISPO DIOCESANO DE SANTO ANDRÉ, A PASTORAL  
OPERÁRIA DESTA DIOCESE E, A AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA DO ABC  
DIRIGEM O SEGUINTE APELO ÀS COMUNIDADES CRISTÃS E AO  
POVO DO GRANDE ABC

Nós, trabalhadores cristãos, junto com nosso Bispo e engajados na Libertação integral do povo, estamos ombro a ombro com todos os sindicatos representativos de suas respectivas categorias, tanto no campo como das cidades, nessa situação que aí está, em que prevalecem o desemprego, os baixos salários, o alto custo de vida, a falta de moradias com o conseqüente aumento das favelas, lavradores autênticos expulsos das terras, e o pavor em que vivem os que estão empregados, diante da perspectiva de engrossarem as fileiras dos que hoje se encontram desempregados.

Tudo isso nos leva a pensar no Evangelho escrito por Mateus, que no capítulo 14, versículos 14 a 16 diz o seguinte:

"Quando Jesus viu aquela grande multidão, ficou com muita pena deles e curou os doentes que estavam ali. (...) Depois falou assim aos discípulos: "Deem vocês mesmos comida para eles"

Nós trabalhadores, como os discípulos de Jesus, não temos riquezas para dar. Mas queremos dar o que temos: nossa capacidade de protestar e lutar pela Justiça e o bem-estar de nosso povo.

No Brasil todo, a classe trabalhadora vai elevar sua voz em sinal de protesto por esta injusta situação, conforme foi decidido na 1ª. CONFERÊNCIA NACIONAL DAS CLASSES TRABALHADORAS (CONCLAT), que consagrou o dia 19 DE OUTUBRO como o DIA NACIONAL DE LUTA, no qual lutaremos:

CONTRA O DESEMPREGO  
CONTRA A CARESTIA  
PELA REFORMA AGRÁRIA  
PELO DIREITO DE MORADIA  
POR LIBERDADES DEMOCRÁTICAS  
PELA LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL

Nesta luta temos o apoio do Papa JOÃO PAULO II, que diz assim na sua encíclica sobre os Trabalhadores, lançada neste mês:

"A SOLIDARIEDADE (ENTRE OS TRABALHADORES) DEVE ESTAR SEMPRE PRESENTE ONDE O EXIGE A DEGRADAÇÃO SOCIAL DESTES, A EXPLORAÇÃO DOS TRABALHADORES E AS CRESCENTES ZONAS DE MISÉRIA E, INCLUSIVE, DE FOME".

A esta solidariedade entre trabalhadores deve-se acrescentar a colaboração desinteressada de todo O POVO DE DEUS, como foi decidido no Plano Pastoral da nossa Diocese quando, entre as prioridades, foram escolhidas também as COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE (CEBs) E A PASTORAL OPERÁRIA, dentro do contexto da "OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES", opção feita pela Igreja na América Latina.

## CONVITE

Por todos estes motivos, pedimos ao povo cristão, e especialmente aos membros das Comunidades de base e aos trabalhadores, que participem na concentração no DIA NACIONAL DE LUTA, 19 DE OUTUBRO, QUINTA FEIRA, ÀS 19 HORAS NA PRAÇA DA MATRIZ - DE SÃO BERNARDO, COM SEUS FAMILIARES.

UNAMOS NOSSOS PROTESTOS ! O VERDADEIRO CRISTÃO AGE E PARTICIPA !

Que o Sr. Jesus, operário como nós, nos ajude a sermos fiéis ao povo e ao Pai.

No ABC, 27 de setembro de 1981

DOM CLAUDIO HUMMES

Bispo Diocesano

PASTORAL OPERÁRIA

AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA

O I A M I G ã O ! ! !

Sabe o que vai acontecer no dia 15/08/87 às 20:00 horas????  
Não.... Não é Reunião.... Não é Passeata.... Não é Comício..  
Não é Colagem.... Não é Panfletagem... e também não é a Greve Geral. O  
que vai acontecer é a GRANDE FESTA DA PASTORAL OPERÁRIA DE SÃO BERNARDO  
DO CAMPO e VOCÊ EM ESPECIAL ESTÁ CONVIDADO A PARTICIPAR.

Teremos todos os gostos musicais para VOCÊ Dançar e Recordar  
os velhos tempos, tocaremos músicas que marcaram época, a partir dos anos  
40 até os nossos dias.

.....  
\*Local da Festa: SALÃO PAROQUIAL DA IGREJA NOSSA SENHORA APARECIDA  
R. XAVIER DE TOLEDO, Nº 190 - V. PAULICÉIA -S.B.C.

\*Horário: APÓS ÀS 20:00 HORAS,..SEM HORA PARA ACABAR!!

\*Critérios para participar da Festa: "ESTAR COM ESPÍRITO DE FESTA"

\*O que levar ??? - ALGUM PRATINHO

\*O que Vestir ??? - UM TRAJE RELAXADO  
.....

.....  
\* É ISSO AÍ AMIGÃO...

NÃO DÁ MAIS PARA SEGURAR

SOLTE-SE JÁ!!!!!!!!!!!!

PASTORAL OPERÁRIA DE SÃO BERNARDO DO CAMPO



PROPOSTA DE UM PLANO DE FORMAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA DA DIOCESE DE  
SANTO ANDRÉ.

I- JUSTIFICATIVA: NECESSIDADE DE UM PLANO DE FORMAÇÃO.

II- OBJETIVOS DO PLANO DE FORMAÇÃO.

III- METODOLOGIA.

IV- CONTEÚDO.

V- PLANO POR NÍVEIS.

VI- OUTROS ENCONTROS DE FORMÃO.

VII- PROPOSTA CONCRETA PARA UM CURSO DE FORMAÇÃO SISTEMÁTICA.

I- JUSTIFICATIVA: NECESSIDADE DE UM PLANO DE FORMAÇÃO:

- é exigido pela nossa prática.
- foi exigido na assembléia diocesana de 1986.
- em nível nacional está sendo exigido já há 2 anos.
- está sendo exigido também em nível estadual.
- necessidade de superar o espontaneísmo nas reuniões e na ação.
- a estrutura e a conjuntura da sociedade são muito complexas e sem um plano a gente fica perdida.
- vivemos conjunturas muito rápidas e diferentes no campo político, sindical, eclesial e popular. Sem um plano e uma organização sistemática a gente fica perdida.
- sente-se a necessidade de uma maior formação mas não sabemos claramente o que seria e como conseguí-la.
- há um esforço individual e não coletivo e organizado de formação.
- atualmente só algumas pessoas têm tempo e dinheiro para melhorar sua formação e os outros ficam dependentes.
- sente-se maior necessidade de informações e formação.
- as pessoas que sentem esta necessidade não conseguem individualmente superar os vários desafios e acabam patinando, aprendendo na pancada e várias vezes entram em grupos que não conhecem e ficam perdidos ou manipulados.
- o esforço individual na formação acaba desanimando e cada um se vira como pode e fica tudo espontâneo e desorganizado.
- na atual formação corremos o perigo de separar reflexão e ação.
- temos dificuldade em organizar e sistematizar a experiência de formação.
- nem sempre a formação aprofunda a nossa prática.
- estamos praticando a Revisão de Vida Operária: quais seriam os critérios? Como fazê-la melhor?
- qual a diferença entre o método "VER-JULGAR- AGIR" e "PRÁTICA- TEORIA- PRÁTICA"?
- sem um plano percebemos que caímos no ativismo e nossa prática fica sempre a mesma.
- não existem incentivos para uma melhor formação.
- muitas vezes é difícil fazer sentir a necessidade de um plano de formação.
- alguns têm informações e formação e não estão preocupados em passar para os outros.
- queremos um tipo de formação que nos permita conhecer melhor a realidade para melhor poder atuar nela, que nos permita ver mais claramente os meios de atuação, que nos ajude a superar a visão superficial da realidade e que nos dê uma visão histórica. Queremos que nos permita uma capacitação maior das lideranças nos vários níveis e a formação de quadros que colaborem no avanço do processo da classe trabalhadora.

## II- OBJETIVOS DO PLANO DE FORMAÇÃO:

- às vezes a informação e a formação corre o perigo de estar centralizada. Queremos que a formação permita preparar novas pessoas para assumir tarefas nos vários níveis:
  - animação e coordenação dos grupos de base
  - " " das regiões.
  - " " da coordenação diocesana.
  - " " da executiva diocesana.
  - " " na PO. estadual e nacional.
- capacitar liderança para que assuma a luta:
  - sindical.
  - partidária.
  - popular.
  - eclesial.
- o objetivo principal deverá ser sempre o projeto da classe trabalhadora, a construção de uma sociedade totalmente diferente da sociedade capitalista que vivemos. Queremos uma sociedade socialista rumo ao comunismo. Como chegar lá? Qual a nossa contribuição nisso? Quais os projetos dos partidos e das centrais sindicais em relação a isso?
- capacitar a PO. para atuar com objetivo a
  - curto prazo,
  - médio prazo,
  - longo prazo.
- capacitar a PO. para que tenha maior clareza em relação a:
  - objetivos,
  - meios,
  - planos,
  - estratégia,
  - tática.
- capacitar a PO. para ter maior clareza da estrutura e conjuntura no setor:
  - sindical,
  - político,
  - eclesial,
  - popular.
- resumindo: capacitar o trabalhador para:
  - 1- ter maior consciência crítica da realidade, inspirando-se - nas exigências da realidade,
    - nos valores evangélicos,
    - no projeto da classe trabalhadora, sua consciência, sua organização e sua luta.
  - 2- ter maior engajamento na organização da:
    - PO.
    - movimento sindical,
    - " político-partidário,
    - " popular,
    - " eclesial.
  - 3- tudo isso para se engajar cada vez mais eficazmente na luta para a construção totalmente diferente da sociedade atual, uma sociedade socialista.

### III- METODOLOGIA:

#### a- SITUAÇÃO ATUAL:

Avanços dados neste ano:

- 2 - a cada reunião aprofundamento bíblico sobre Trabalho:30'
- 1 - oração espontânea ligada à vida, ata, apresentação novatos.
- 3 - avaliação da prática e cobrança de tarefas.
- 4 - reflexão sobre a prática:aprofundamento.
- 5 - conclusões do encontro: tarefas viáveis e a serem cobradas. Nova prática.
- 6 - avaliação e programação.

Esta metodologia está sendo usada já na coordenação diocesana e nas reuniões de região. Devagar está sendo passada para os grupos de base. Isso nos permite superar a improvisação e o espontaneísmo das reuniões. Para isso foi feito um salto qualitativo na assembleia diocesana 86 ao se afirmar que cada região deveria ter uma coordenação que prepara o encontro da região. Em nível de coordenação diocesana a reunião é preparada pela executiva.

Esta nova metodologia nos permite:

- uma reflexão sobre a prática
- amarrar a reflexão com tarefas concretas
- o compromisso de uma ação concreta a ser cobrada
- criar uma prática nova.

#### Dificuldades:

- usamos o método "ver-jilgar-agir", porém sentimos que não é suficiente. Este método é muito genérico. Pode servir para todos, até para a Fiesp. Parece que não é capaz de explicitar as contradições da realidade e as suas dimensões políticas. Pelo nosso gosto é um método que parece ser "neutral" mas que no fim faz o jogo do sistema opressor. O método ajuda quando nos obriga a nos colocar à luz da Palavra de Deus. Sentimos porém que isto não é suficiente, pois muitos se coloca deste lado e no fim tomam posições conservadoras e até opressoras. Sentimos necessidade de definir melhor o nosso lugar social, a nossa posição política, uma mediação teórica que nos permita explicitar melhor as contradições da realidade e dos interesses de classe.
- sentimos a dificuldade em aprofundar o novo método indicado pela PO Nacional: P-T-P1-T1-P2-T2..

## IV- CONTEÚDO:

Os conteúdos exigidos pela Assembléia diocesana:

- 1- Past. - Plano Pastoral Diocesano. "A Diocese de Santo André não será Igreja se não levar em conta a luta da classe trabalhadora e principalmente a realidade operária do ABC".
  - Papel do leigo: na Igreja, sindicato, partido, sociedade.
- 2-Pol. - Análise de estrutura e conjuntura. Como encontrar o equilíbrio e como manter o fio condutor embora tenha-se de mudar os temas segundo a conjuntura.
  - maior clareza dos interesses de classe.
  - política partidária e tendências.
  - objetivo e papel do partido.
  - aprofundamento da relação PO. e Partido.
  - que sociedade queremos e como chegar lá. Projeto político da classe trabalhadora.
- 3- Sind. - Nova República e classe trabalhadora.
  - Direitos da mulher trabalhadora.
  - Estrutura Sindical e tendências.
- 4- Pop. - Reforma agrária e urbana.
  - Aprofundar o que é movimento popular.
  - Movimento popular e sua ligação com a exploração dos trabalhadores, com a necessidade da luta sindical e partidária.

Outros conteúdos surgidos pela prática:

- estrutura e conjuntura, estratégia e tática na sociedade e na Igreja.
- história da classe trabalhadora.
- o que é PO.
- Po e Igreja, movimento popular, sindical e partidário.
-

## V- PLANO POR NÍVEIS:

1- Grupo de base: iniciantes e militantes.

Objetivo: -motivar a fé, a partir da prática, para um maior engajamento, como trabalhador, no movimento: popular, sindical, partidário e eclesial.  
 -aprofundar mais a consciência de classe a partir da sua prática. (Revisão de vida operária).  
 -aprofundar a fé frente aos desafios do mundo do trabalho.

Responsáveis: 3 coordenadores do grupo de base que preparam as reuniões.

Metodologia: -30' reflexão Fé e Trabalho (fundamentação Bíblica).

-30' revisão de vida e tarefas.

-30' formação sobre temas atuais ou história da classe trabalhadora.

-30' encaminhamentos das tarefas e informes.

Subsídios: - C.F. e o trabalho.

- Dívida externa e o trabalho.

- História da classe operária no Brasil (slides).

Desafio: os coordenadores e militantes cuidem em introduzir e acompanhar os iniciantes na caminhada.

2- Grupo de Região:

Pessoas: - 3 coordenadores de cada grupo de base e os militantes engajados.

Objetivo: Capacitação para animar os grupos de base na reflexão e organização.

Aprofundar a opção de fé e o engajamento no mundo do trabalho (popular, sindical, partidário).

Responsáveis: Coordenadores da região e assessoria.

Ter uma reunião a parte para preparar a reunião da região.

Metodologia: A mesma do nível 1.

Subsídios: Como no nível 1.

O que é sociedade (CEPIS)

Desafio: Promover encontros de formação como: semana do trabalhador, semana da Po, ou outros temas.

3- Coordenação diocesana:

Pessoas: - 2 coordenadores de cada região,

- coordenador geral da PO da diocese e vice.

- secretária da Po diocesana.

- assessoria.

Objetivo: Capacitar para animar, organizar as regiões e a PO na diocese.

Responsáveis: Coordenador, vice e secretária da PO. Executiva e assessoria.

Metodologia: a mesma do nível 1.

Subsídios: os mesmos.

Desafio:

4- Executiva Objetivo: assessorar a coordenação Diocesana e acompanhar as regiões.

## VI- OTROS ENCONTROS DE FORMAÇÃO.

## A- Organizados pela P.O.:

- 1- Nas paróquias: CF., Semana do Trabalhador, temas conjunturais, ..
- 2- Nas regiões: Semana do Trabalhador de S.B.  
Encontros de formação.  
Assembléia da PO da região.  
...
- 3- Na diocese: Encontro com Frei Betto para iniciantes.  
" " " " " lideranças.  
Assembléia diocesana.  
Programados pelo plano 87:  
- engajados no movimento sindical.  
- " " " partidário.  
- " " " popular.
- 4- No estado: Assembléia estadual.  
Encontro bíblico para iniciantes.  
" " " militantes.  
" formação sindical.  
" " teológica.  
" " política.  
" " temas conjunturais.  
" agentes e liberados.
- 5- Nacional: Assembléia nacional.  
Encontro agentes e liberados.

## B- Organizados pela diocese:

Está sendo planejado curso sistemático para leigos.

## C- Organizados por outras entidades:

SESEP: curso de 5 meses e curso de verão.  
Sindicais: CUT  
Partido:

## VII- PROPOSTA CONCRETA PARA UM CURSO DE FORMAÇÃO SISTEMÁTICA.

- 1- Necessidades: ver na página 1. Dom Cláudio na reunião da executiva do dia 07.05.87 disse que é urgente começar um curso de formação sistemática, embora com poucas pessoas. A Executiva colocou a dificuldade da sobrecarga de tarefas, mas dom Cláudio respondeu: "Liderança sobrecarregada sem curso de formação sistemática vai cansar, se esvaziar e patinar.." Dom Cláudio sugeriu também que houvesse inscrição e que fossem sempre os mesmos de tal maneira que no fim de um ano nós teríamos quadros mais preparados.
- 2- Formação de uma equipe encarregada: para preparar, motivar e acompanhar a formação. Parece que a executiva teria esta missão, pois os componentes são liberados ou semi-liberados. Parece também que haveria necessidade de outras pessoas, (um representante cada região?) para evitar a centralização.
- 3- Crítérios de participação:
  - membros da Po.
  - animadores de grupos da PO.
  - consciência de classe.
  - fé comprometida na construção de uma sociedade nova.
  - engajamento: sindical ou partidário, ou popular ou eclesial.
- 4- Cronograma: Propostas:
  - 2 sábados por mês, de manhã ou de tarde: 3 horas.
  - 2 domingos por mês, de manhã ou de tarde.
  - 1 semana em julho e outra em fevereiro.
- 5- Metodologia:
  - começar só com um tema. Parece já ter gente muito motivada para começar com o aprofundamento bíblico. Janete ficará encarregada neste setor.
  - Uma equipe preparará:
    - a proposta do curso
    - a bibliografia
    - usar slides, films, vídeo...
  - O curso deverá ligar com as lutas da conjuntura, mas deverá ter um eixo que aprofunde a estrutura de cada matéria e não ser só conjuntural.
  - Deverá o mais possível partir da prática dos participantes.
  - Cada matéria terá uma equipe encarregada que pensará na programação, acompanhamento, bibliografia, avaliação..
- 6- Recursos humanos: os mesmos participantes, a equipe, os assessores diocesanos, outros especialistas.
- 7- Recursos financeiros: Verba da Alemanha...

## 8- Proposta de temas:

## A- APROFUNDAMENTO BÍBLICO:

- Descobrir a espiritualidade do trabalhador na Bíblia através a leitura de textos bíblicos, tentando descobrir:
  - a situação econômica,
  - " " política,
  - " " social,
  - " " ideológica,
  - o plano libertador de Deus,
  - " " opressor dos falsos deuses,
  - a espiritualidade do trabalhador de hoje.
- Visão histórica da história do Povo de Deus.
- Modos de produção na Bíblia e hoje.
- 
- 

Coordenadora do curso: Janete.  
 Equipe coordenadora: - Janete

-  
 -  
 -  
 -

Assessores: Luciano Marini,

## B- APROFUNDAMENTO TEOLÓGICO:

- o Trabalho nos Padres da Igreja.
- " " nos documentos da Igreja.
- história da PO. e principais documentos.
- " " " na diocese de Santo André.
- a Cristologia e o trabalhador.
- a Eclesiologia e o Trabalhador.
- a Igreja e o Reino.
- a Igreja: sua estrutura e conjuntura.
- a PO. na Igreja e nas outras pastorais: estratégia e tática.
- os Sacramentos e o trabalhador.
- Teologia da Libertação e seus fundamentos:
  - bíblicos
  - teológicos
  - descoberta da realidade opressora de hoje.
  - " das ciências sociais.
- novas pastorais específicas mais ligadas à Teologia da Libertação:- CEB's
  - CPT.
  - CIMI.
  - PO.

Coordenador:

Equipe coordenadora: -

-

-

-

-

Assessores: -

-

-

-

-

-

## C- APROFUNDAMENTO SINDICAL:

- 1- Sindicalismo internacional:
  - as internacionais: história, linha sindical e política.
  - diferentes linhas sindicais e políticas:
    - comunista
    - socialista
    - social-democrata
    - democrata-cristã.
  - as confederações sindicais mundiais.
  - influência no sindicalismo brasileiro.
- 2- Sindicalismo brasileiro:
  - história da classe trabalhadora no Brasil.
  - surgimento dos sindicatos.
  - influências anarquistas.
  - "                    comunistas.
  - o atrelamento ao Estado.
  - história da estrutura sindical brasileira.
  - Sindicalismo no campo.
  - o novo sindicalismo.
  - a CUT e a CONCLAT: história e tendências.
  - a CLAT e o MERU.
  - a nova estrutura sindical.
  - OIT 87.

Coordenador: Carlinos.

Equipe coordenadora: - Carlinhos

-

-

-

Assessores: -

-

-

-

## D- APROFUNDAMENTO ECONÔMICO-POLÍTICO:

- 1- Marxismo: - fundamentos econômicos: modo de produção Cap.
  - mais-valia
  - meios de produção
  - salário
  - classe
  - aparelhos de manutenção: - Estado
  - aparelhos ideológ.
  - contradições do Capitalismo.
  - críticas ao Marxismo: - método de análise
  - a filosofia: o materialismo dialético.
  - os cristãos e os marxismos.
- 2- História dos modos de produção:
  - comunismo primitivo
  - tribalismo bíblico
  - tributarismo bíblico
  - escravismo
  - feudalismo
  - capitalismo
  - socialismo
  - comunismo
- 3- Processos de transformação:
  - sindicato
  - partido
  - movimento popular
  - "          eclesial.
- 4- Correntes políticas de esquerda:
  - leninismo
  - stalinismo
  - trotskismo
  - como estas 3 correntes chegaram ao Brasil.
  - avaliação crítica das 3 correntes.
  - tendências políticas nos partidos de hoje.
- 5- Os cristãos e os partidos revolucionários a partir da prática.
- 6- Análise de conjuntura:
  - aspectos: econômico
  - político
  - social
  - ideológico
  - correlação de forças
  - intervenções na conjuntura: estratégia e tática
  - temas da conjuntura: - pacto social
  - pacotes
  - Dívida Externa.

Coordenador:

Equipe coordenadora: -

-

-

Assessores: -

-

-

## E- APROFUNDAMENTO DO MOVIMENTO POPULAR:

- pressupostos da Educação Popular.
- método Paulo Freire.
- trabalho de base e trabalho de massa.
- como trabalhar com Trabalhador.
- como ligar o popular ao sindical e político.
- objetivo da Educação Popular.
- prática e teoria na Educação popular.
- cooptação do movimento popular pelo poder dominante.
- 
- 
- 

Coordenador:

Equipe coordenadora: -

-

-

-

Assessores: - Teresinha Toledo e CEPIS.

-

-

-

## F- EDUCAÇÃO EMOCIONAL-AFETIVA-PSICOLÓGICA:

- sexualidade.
- casamento.
- relação pais e filhos.
- engajamento e família.
- moral afetiva e sexual.
- pastoral, sindical, política e questão afetiva.
- 
- 
- 
- 
- 

Coordenador:

Equipe coordenadora: -

-

-

-

Assessores: - Teresinha Toledo.

-

-

-

## G- PASTORAL OPERÁRIA:

- o que é PO.
- história da PO.
- metodologia da PO.
- capacitação de quadros para dar formação.
- capacitação de quadros para a mudança de sociedade
- PO.: limites e valores.
- PO. e as outras pastorais.
- história da PO. na diocese.
- estrutura da PO.
- PO. e Partido.
- PO. e Sindicato.
- PO. e movimento popular.
- PO. e " eclesial.
- Desafios estruturais da PO.
- " conjunturais da PO.
- 
- 
- 

Coordenador:

Equipe coordenadora: -

-  
-  
-

Assessores: -

-  
-  
-

4ª SEMANA DO TRABALHADOR

23 a 27 de Julho

IGREJA, CLASSE TRABALHADORA E DEMOCRACIA

2ª feira - 23/07 - 19.30 hs.: JOELMIR BETING

20 anos depois: crescimento & pobreza

3ª feira - 24/07 - 19.30 hs.: (a confirmar)

Educação: direito ou privilégio?

4ª feira - 25/07 - 19.30 hs.: COMISSÃO PASTORAL DA TERRA

Democracia e posse da terra

5ª feira - 26/07 - 19.30 hs.: (a confirmar)

Vida e Morte no Nordeste

6ª feira - 27/07 - 19.30 hs.: DOM PAULO EVARISTO ARNS

Igreja, povo e 20 anos de regime militar

Promoção: PASTORAL OPERÁRIA E IGREJA MATRIZ S.B.C.

Local e venda de ingressos: Salão Paroquial, Igreja Matriz de São Bernardo do Campo, rua Pe. Lustosa 292.

São Bernardo do Campo, 30 de janeiro de 1981.

Companheiro:

Em nossa última reunião, no dia 14 de dezembro de 1980, foi proposto o calendário de reuniões para 1981, sendo todas no domingo pela manhã, às 9:00 hs, nas seguintes datas:

1º de fevereiro	12 de julho
22 de fevereiro	02 de agosto
<u>15 de março</u> (o dia todo) *	<u>16 de agosto</u>
29 de março	30 de agosto
12 de abril	13 de setembro
26 de abril	27 de setembro
10 de maio	11 de outubro
31 de maio	25 de outubro
14 de junho	15 de novembro
28 de junho	29 de novembro
	13 de dezembro

Para os dias: 15 de março e 16 de agosto foram propostos Encontros dos Núcleos de Pastoral Operária, com duração de um dia todo, com início às 8:00 e término às 17:00hs, em local a ser determinado e lanche comunitário no local.

Também ficou estabelecida uma nova estrutura para as reuniões, sendo uma parte dedicada a notícias dos trabalhos (discussão de uma área de trabalho por vez) Ex.- Fundo de Greve - será convidada uma pessoa que possa falar. Outra parte será dedicada a aprofundamento teológico; leitura do Evangelho pela visão do oprimido e um tempo para a troca de informações.

Um abraço cordial

Alzira Martins de Mendonça  
Secretária da Pastoral Operária - S.B.C.

Caríssimos companheiros da Pastoral Operária da SBC

Um novo ano de trabalho tem início. Em nossa última reunião de 1980 fizemos o calendário de todas as reuniões que faremos em 1981. Este calendário já foi enviado a cada um de nós pela companheira Alzira. Marque em sua agenda os dias de reunião. Sem reunião a gente não troca informações. A reunião é importante para reabastecer o nosso trabalho, nutrir a nossa fé, refletir a nossa ação à luz do exemplo de nosso companheiro maior - Jesus de Nazaré.

Reunião do dia 10 de fevereiro

Muitos companheiros faltaram a esta primeira reunião do ano. Foi um pena, pois vários temas importantes foram tratados. Sobre tudo contamos com a presença de dois diretores do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo - Diadema, Devanir e Mané. Devanir falou a respeito da campanha salarial deste ano. Eis os principais pontos colocados pelo companheiro Devanir:

- Estão sendo feitas assembleias por bairros para motivar a categoria e a população em geral. O calendário dessas assembleias encontra-se exposto no Fundo de Greve. Verifique lá o dia e a hora de seu bairro.

- Vai haver assembleia de toda a categoria dias 13, sexta-feira, às 16 e às 18 horas, e dia 14, sábado, às 10 horas. Local: praça da Igreja Matriz de S.B.C. - Vamos convocar todos os metalúrgicos para esta primeira assembleia do ano.

- A diretoria tem comparecido às portas de fábricas para mobilizar a categoria e recolher fundos para a campanha. Na porta da Ford, numa só tarde, foram recolhidos 87 mil cruzeiros - o que mostra o interesse e a participação dos metalúrgicos! Mesmo assim, o problema financeiro é grande. Sem dinheiro não há material e sem material não é possível mobilizar a categoria. Todos devem ajudar na coleta de fundos e motivar os metalúrgicos a se inscreverem no Fundo de Greve.

- A Comissão de Salário e Mobilização já iniciou suas assembleias. Vários companheiros da Pastoral Operária participam dessa Comissão. Ela conta com 120 membros.

- Neste ano, já foram feitas 28 reuniões por empresas. Ao contrário do que diz certa imprensa, é grande a motivação para a luta este ano.

• A diretoria conseguiu que o interventor liberasse a sub-sede de Diadema, onde estão sendo feitas as reuniões naquela área.

- As reivindicações básicas deste ano são: JORNADA DE 40 HORAS SEMANAIS, ESTABILIDADE NO EMPREGO, AUMENTO SALARIAL, MELHORIAS CONDIÇÕES DE TRABALHO, CONTROLE DOS FUNDOS CRIADOS PARA O TRABALHADOR (PIS, FGTS, ETC.), CONCILIAÇÃO DOS PREÇOS DOS GÊNEROS DE PRIMEIRA NECESSIDADE, DELEGADO SINDICAL, SALÁRIO MÍNIMO NACIONAL UNIFICADO, LIBERDADE E AUTONOMIA SINDICAL.

- De acordo com os critérios contidos na Constituição Brasileira para definir o salário-mínimo, em março de 81 ele deveria ser de R\$ 30.052,00.

- Por esses dias, o Ministério do Trabalho deve nomear a Junta que assumirá a direção do Sindicato de SBC. Esta Junta convocará as eleições. Porém, a diretoria atual nomeará uma comissão de trabalhadores que estarão à frente das negociações deste ano. Se não houver um bom acordo, haverá greve.

### A participação da Pastoral Operária

A PO é a presença da Igreja entre os trabalhadores e dos trabalhadores na Igreja. Nossa missão é, sobretudo, evangélica. A pergunta que devemos nos fazer neste início de campanha é: o que faria Jesus? O que devemos fazer? Nosso interesse é servir às justas reivindicações dos trabalhadores. Nesse sentido, os diretores do sindicato de SBC e Diadema disseram que esperam da PO uma ativa participação em toda a campanha. Principalmente, devemos fazer a ponte entre a categoria e a Igreja. Ver em que medida a Igreja pode ajudar a luta dos metalúrgicos, na linha da opção preferencial pelos pobres. O Papa João Paulo II comprometeu-se abertamente com a luta dos operários poloneses organizados no sindicato "Solidariedade". Na audiência em que estiveram presentes Lula e José Bittar, o Papa disse a eles que espera ver os trabalhadores brasileiros seguindo o exemplo dos poloneses. Isto quer dizer: devemos ter boa luta pelas conquistas da classe trabalhadora. No Deus vivo que conosco nos pela fé encontramos a mais profunda motivação de nossa luta.

### Julgamento

Dia 16 de fevereiro, segunda-feira, é o julgamento dos líderes sindicais enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Todos devem comparecer à Audiência Militar, à avenida Brigadeiro Luiz Antonio, nº 1984, na Sala 812A. Informe-se da hora no Fundo de Greve. No dia 15, domingo, a matriz de SBC rezará nas missas pelos nossos companheiros que estarão sentados no banco dos réus. Vamos rezar em todas as igrejas por eles.

### Viajem à Bélgica

Os responsáveis pela organização da Campanha da Fraternidade de Bélgica escolheram como tema deste ano: "Solidariedade Apesar da Crise". Como a greve de SBC-80 foi muito noticiada naquele país, eles convidaram 1 diretor do sindicato de SBC e Diadema, 1 membro da Pastoral Operária de S. Paulo, 1 diretor do sindicato de João Monlevade, RJ (onde fica a Cia. Belgo-Mineira), 1 operária de Phillips e eu para irmos à Bélgica abrir a Campanha da Fraternidade 81.

Durante três semanas essa Comissão deverá percorrer o país, falando às Comunidades de Base, paróquias, universidades, sindicatos, etc. A diretoria do - sindicato dos metalúrgicos de SBC e Diadema decidiu não enviar nenhum de seus membros por causa da campanha salarial, considerando que a viagem deverá ser feita de 13 de fevereiro a 7 de março. De minha parte, só irei se os companheiros processados forem absolvidos - por isso marquei a viagem para o dia 19. Caso sejam condenados, ficarei para dar um acompanhamento pastoral às suas famílias. Os outros estão de passagens marcadas.

### Próxima reunião

Nossa próxima reunião será domingo, dia 22 de fevereiro, às 9 horas da manhã, na matriz. Vamos fazer um esforço para comparecer no horário. Se eu viajar, vocês farão a reunião por conta própria, procurando aprofundar as questões relativas à campanha salarial e o papel de PO aí dentro.

É hora também de intensificarmos a formação dos grupos de PO nos bairros. Dia 12, à noite, estarei reunido com o grupo de Ferrasópolis.

A cada um de vocês, meu abraço fraterno, pedindo ao Espírito Santo que anime a nossa caminhada e aqueça os nossos corações.

Frei Betto - coordenador

RELATÓRIO DO ENCONTRO DE 06 E 07 DE JULHO EM TABOÃO DA SERRA - SP.-

O nosso encontro semestral em Taboão de Serra contou com a presença de 38 pessoas, sendo algumas da região do Taboão-Diadema e as demais de diferentes regiões de S. Bernardo, que são: Vila São José, Vila Paulicéia, Jd. Petronio, Vila Ferrazópolis, Vila Vivaldi e DER.

A Pastoral Operária torna-se cada vez mais ecumênica pois, nesse encontro tivemos a presença de quatro militantes protestantes, sendo uma Metodista, outra Presbiteriana e um casal de Luteranos.

Os militantes avaliaram o encontro como muito positivo e foi ressaltado o clima de companheirismo e alegria, a objetividade, o enriquecimento que houve com as trocas de experiências, e os aprofundamentos feitos, bem como o ecumenismo e o espírito crítico.

Tivemos como temas de discussão a Teologia da Libertação - enfocando principalmente a questão de Leonardo Boff; e a nossa militância.

Pelo sábado de manhã cada um falou o que sabia a respeito de Teologia da Libertação e as frases dos companheiros foram colocadas em cartazes que no domingo foram ofertados na celebração. Em seguida, lemos um documento sobre a história da Teologia da Libertação na América Latina até os dias de hoje, com todas as repressões e punições do Vaticano sobre a mesma. O trabalho foi feito em grupo e cada grupo respondeu às seguintes questões:-

1- Quais os documentos da Igreja que legitimam as CEB's e outras formas de ser Igreja no meio do povo?

2- Por que o documento da "Santa Fé" aponta a Teologia da Libertação como um perigo a ser enfrentado pelo governo Reagan?

3- Qual foi o ataque mais grave que a Igreja que nasce do povo sofreu e porquê?

Na parte da tarde houve a plenária e depois assistimos um filme sobre o 5º Encontro Intereclesial das CEB's em Canindé em julho de 1983. Logo após formamos grupos e respondemos às perguntas:-

1- A partir dos slides e da leitura do documento quais foram as mudanças mais significativas nesta forma de ser Igreja?

2- Por que a Teologia da Libertação é um novo modo de fazer teologia? Quais as raízes da Teologia da Libertação?

3- Qual a raiz desta divisão dentro da Igreja e qual deve ser a nossa atitude neste momento?

Na plenária alguns grupos encerraram a sua conclusão mostrando a participação do leigo e a posição dividida da Igreja e a importância de continuar a luta. Outros grupos se colocaram verbalmente e levantaram que a Teologia da Libertação trouxe a descentralização dos serviços, o povo participa e decide, também sente-se responsável pelas mudanças; foi elaborada em cima da realidade do povo, fez com que se entendesse mais claramente a mensagem do evangelho, sendo nossa luta levada à luz do evangelho; torna a Igreja comprometida com a base.

A Igreja encontra-se dividida porque os interesses são diferentes, alguns defendem os interesses dos burgueses e outros dos oprimidos; a Igreja conservadora sempre tentou conter os conflitos e a Igreja nova mostra os conflitos; muitos que se posicionam contra a Teologia da Libertação temem perder o poder.-

Enquanto cristãos devemos ser perseverantes, ter clareza e objetividade na caminhada continuar na Igreja e nos movimentos e não ceder o nosso espaço aos burgueses.

No final da tarde foi feita uma explanação pelo assessor - Frei Betto enfocando o nosso chamado para a Pastoral Operária, o que é o Reino de Deus, quais as ferramentas para a construção desse reino e a importância da participação de cada um.

A noite tivemos uma festa com quadrilha, comidas e bebidas e muita animação.-

No domingo iniciamos o dia com uma celebração onde foram lembrados os mártires da libertação, o silêncio de Boff e portanto o silêncio da palavra de Deus que foi simbolizado por uma bíblia amarrada por uma corrente com cadeado. No final da celebração um homem e uma mulher arreventaram essa corrente mostrando que estamos unidos, que a luta continua e vamos nos libertar.

Em seguida nos dividimos em grupos de acordo com a militância das pessoas e então tivemos o grupo de movimento popular, de sindicato e de partido político. Discutimos com base nas seguintes perguntas:

- 1- O que estou fazendo?
- 2- Como me absteço nesta prática ou nesta luta?
- 3- O que você gostaria que a Past. Operária fizesse para ajudá-lo?

Vimos que as pessoas de movimento popular atuam principalmente nas favelas lutando pela posse de terra, construção de moradia, alfabetização, clube de mulheres, lutas por água, esgoto e luz, leite, também em sociedade amigos, movimento de mulheres e trabalho pastoral. Além de-

outros como teatro, mov. estudantil, escolão, MDDP - Mov. de Defesa dos Direitos dos Favelados.

Quanto ao abastecimento foram citados: - grupo específico - para avaliação da caminhada; Diretório do Partido; a Past. Operária; as trocas de experiências; as conversas com pessoas de tendências políticas; com amigos; nas CEB's, a diaconia da Igreja; curso de catequese; a comunidade, livros jornais, professores, faculdade;

A P.Operária poderá ajudar dando material e uma infra estrutura para trabalhar-se, além de mais palestras e semana da P.Operária; estudos políticos, maior ligação entre os assessores da P.O. e das CEB's? - estudos sobre estrutura política da Igreja, sindicalismo, salários, tendências políticas, origem da esquerda e direita, discussões sobre constituinte, dar condições para que atuemos no mov. popular, trazer a proposta da ANAMPOS e fazer troca de experiências com os militantes que atuam nas outras áreas.

O grupo que atua no sindicato têm trabalhado nas comissões de fábrica, CIPA, na formação de ativistas, dando consciência aos companheiros, reivindicando melhorias dentro da própria fábrica como por exemplo: assistência médica; apoiando as oposições sindicais; alguns tentando formar sindicato,; fazendo campanha salarial. Temos uma militante, a Terezinha de Jesus, que está na direção do sindicato dos coureiros e o Arquimedes que está concorrendo às eleições no sindicato dos comerciários.

Quanto às fontes de abastecimento foram mencionadas: a CIPA e comissão de Fábrica, a P.O., - a luta do dia e dia, o evangelho, a eucaristia e a oração, cursos de formação, as discussões na fábrica, no bairro, as trocas de experiências, livros, mov. popular; o companheirismo e a solidariedade dos trabalhadores.

A P.O. poderá ajudar na parte de dificuldade de expressão dos militantes, dando subsídios para formação de grupos de P.O. nos bairros, preparando cursos de formação na linha do trabalho de cada grupo; cursos para entender melhor a conjuntura política; fazer boletins para grupos de base, promover encontros deste tipo. Também ajudar a conhecer as tendências políticas, ajudar o militante a priorizar a participação, dar subsídios para saber como pode-se contribuir com a oposição sindical e aprofundar a fé.

O grupo de partido político atua tanto dentro como fora do partido, citaram como fontes de abastecimento a P.O., a luta, as discussões, as vitórias e contradições do mov. popular, as pessoas do bairro, os mov. de favelas e mov. de mulheres.-

A P.O. poderá ajudar fazendo uma discussão básica para que nós enquanto militantes de P.O. tenhamos o nosso modelo de sociedade e para ver se esse modelo bate com o de algum partido.

Essa divisão de grupos foi feita com o critério de melhor atuação em determinada área, mas na sua maioria militantes estão ligados às três áreas de atuação. A plenária foi feita após o almoço. Depois dividimos as tarefas da Semana do Trabalhador, fizemos uma avaliação do Encontro e encerramos com uma oração e uma troca de abraços fraternais.-

Participaram deste encontro:- Darci - Flávio - Lécio - Elina - Pedro - José Zeferinho Osvalim - Rudiger - Ivone - Neide - Luciana - Leila - Janete - Adroaldo - Deobaldo - Carolina - Lucimar - Euclides - João - Donizete - Adilson - Djalma - Adair - Edgar - Sueli - João Dias - Carlos - Fátima - Luciano - Mérica - Toninha - Terezinha de Jesus - Arquinedes - Zé Gonçalves - Terezinha Gomes - Zé Albino - Terezinha Toledo - Frei Betto.-

julho/1985

ASSEMBLÉIA DIOCESANA DE PASTORAL OPERÁRIA - 27 e 28 / 1985

REGIÕES PRESENTES | SÃO BERNARDO DO CAMPO, DIADEMA, SÃO CAETANO, MAUÁ, LESTE SANTO ANDRÉ  
UTINGA SANTO ANDRÉ.

CONVIDADOS | D. CLAUDIO, FREI BETTO, TEREZINHA TOLEDO e LUIZ EDUARDO GREENHALGH e  
Pe. LUCIANO.

2. CLAUDIO lembrou, em sua colocação, a importância da participação do trabalhador no momento atual, sobretudo o trabalhador cristão, que como PASTORAL OPERÁRIA deve fazer avançar a IOPEJA no meio dos trabalhadores. Lembrou que os militantes cristãos devem assumir essa luta a exemplo de JESUS CRISTO, que foi operário, carpinteiro e praticamente construtor civil.

Frente a "NOVA REPÚBLICA" que está aí, lembra que é preciso desmistificar o mito criado em torno da pessoa de TANCREDO e não deixar que os problemas sejam camuflados. No momento a participação do trabalhador é decisiva na construção de uma sociedade democrática. E nós como cristãos trabalhadores devemos insistir na FORMAÇÃO sistemática (política, sindical, teológica), dentro do método VER-JULGAR AGIR.

CONJUNTURA E CONSTITUINTE - LUIZ EDUARDO GREENHALGH:

- Fazer uma análise de conjuntura depende de quem faz e para que a faz
- Antes do golpe militar de 64 na situação do país previam-se REFORMAS DE BASE
- Os militares estavam planejando o golpe desde 1945, baseado na doutrina da SEGURANÇA NACIONAL para amarrar a América Latina e a África, ou seja os países do terceiro mundo.
- Com o golpe de 64, todo tipo de organização popular foi proibido, o Congresso foi fechado, pol-íticos e líderes sindicais foram cassados
- No final dos anos 70 surge um novo tipo de sindicato no ABC, reivindicações populares, dando origem a uma fase de TRANSIÇÃO que tinha de ser LENTA, GRADUAL e SEGURA.
- Essa transição culmina com o COLEGIO ELEITORAL de 85, onde os militares não abriram mão do poder se houvesse as diretas (justificado pelo item anterior).
- TANCREDO surge com um pacto com os militares sem revanchismo.
- Conseguir forçar um pacto de força política englobando a maior parte da oposição dos banqueiros, dos empresários e setor sindical (PELEGADA)
- Com a morte de Tancredo e a mobilização dos trabalhadores de todo o país será um cheque-mate para a Nova República, se saírem vitoriosos haverá esperança, caso contrário haverá retocasso político.
- Os trabalhadores tem o papel mais importante, além de afirmar suas propostas neste exato momento político.

CONSTITUINTE:

- é inegável a necessidade de uma ASSEMBLÉIA Assembleia nacional constituinte.
- com o regime da Nova República, é inevitável a participação dos trabalhadores na organização, mobilização e participação na elaboração da constituinte.
- podemos notar dois aspectos quanto:
  - manutenção do poder (classe dominante)
  - consolidação de um novo bloco de forças, (onde os trabalhadores deverão mexer)
- a constituição tem que ser um meio de luta e não um fim em si mesmo.

- não podemos aceitar as propostas de constituinte a partir da ótica dos empresários. Temos que pensar na organização nossa e na elaboração das nossas propostas, além de trabalhar também no encaminhamento das mesmas.

ORGANIZAÇÃO DA PASTORAL OPERÁRIA: - a partir de grupos de reflexão, chegamos às seguintes propostas:

- formar grupos nas paróquias.
- levar para as paróquias o esclarecimento sobre as greves.
- estar presente nas greves, apoiando e ajudando.
- dar consciência aos trabalhadores sobre a realidade.
- para fazer um movimento conjunto, divulgar a P.O. nas outras prioridades.
- fazer a ligação da fé e a nossa luta.
- na formação de trabalho ter objetivos claros (coisas concretas).

<p>questão: O QUE A PASTORAL OPERÁRIA PODE FAZER DIANTE DOS DESAFIOS E DIFICULDADES DA ATUAL CONJUNTURA E DA ELABORAÇÃO DA CONSTITUINTE?</p>
--

CONSTITUINTE:

- criar subsídios para todos os grupos.
- discutir a constituinte na base, dentro e fora da Igreja: Ceba, Sabs, sindicatos, etc...
- motivar e mostrar a importância dessa discussão.
- que a Pastoral Operária tome a frente à nível de bairro, etc...
- fazer uma reflexão bíblica sobre a constituinte dentro do Plano de Deus.
- fazer semanas ou três dias de formação nas paróquias sobre constituinte.

ELEIÇÃO da nova coordenação diocesana de Pastoral Operária (P.O.).  
Como está concretamente o trabalho nas regiões pastorais?

REGIÃO PASTORAL DE SÃO BERNARDO DO CAMPO: atividades:

- ... Semana do trabalhador e mais dias de formação;
- ... existe certa dificuldade de se formar grupos de P.O. em determinadas paróquias;
- \* representantes: JOSÉ ALBINO E JOSÉ FARIAS.

REGIÃO PASTORAL DE DIADEMA:

- ... reunião mensal a nível de região;
- ... participação em outros movimentos: sacolão, movimento de desempregados;
- \* representantes: DEOBALDO E PAULO.

REGIÃO PASTORAL SANTO ANDRÉ - LESTE:

- ... trabalham a partir de quatro grupos fixos;
- ... existe coordenação regional e uma proposta de trabalho que inclui a divulgação da prioridade;
- ... realizaram a NOVENA DO TRABALHADOR para o 1º de Maio;
- \* representantes: CARLINHOS ( o outro será escolhido posteriormente na região)

REGIÃO PASTORAL DE UTINGA - SANTO ANDRÉ:

- ... existem 05 grupos fixos;
- ... trabalhos realizados em momentos mais fortes;
- ... a P.O. Jd. Sto. Antonio possui uma horta comunitária;
- ... a região prepara três dias de formação sobre as prioridades nas paróquias;
- ... a região propõe a formação de subsídios;
- \* representantes: DENISE ( o outro será escolhido na região, posteriormente)

REGIÃO PASTORAL DE SÃO CAETANO DO SUL:

- ... desconhece qualquer tentativa de formação de P.O. fora da paróquia S. Bento;
- ... necessita de amparo da coordenação.
- \* representantes: contato diocesano - ANTONIO.

### REGIÃO PASTORAL DE MAUÁ:

- ... atualmente existem ~~22~~ grupos no nº de cinco, que reúnem regionalmente no 2º domingo do mês;
- ... como proposta de trabalho têm-se a elaboração de subsídios e a reintegração dos antigos;

\* representantes: ROSA E ANTONIO

\* \* \* \* \*

PROPOSTAS 1) QUE A COORDENAÇÃO TIRE O NOME DO COORDENADOR DIOCESANO.  
2) QUE A ASSEMBLÉIA ELEJA.

obs: as propostas foram defendidas por 02 pessoas (cada uma).

RESULTADO: 28 votos para a primeira proposta.  
07 votos para a segunda.  
02 abstenções.

A COORDENAÇÃO REUNIDA DEFINIU O MANDATO DO COORDENADOR POR DOIS ANOS, ficando:

- \* COORDENADOR DIOCESANO DE PASTORAL OPERÁRIA : JOSÉ ALBINO - SB CAMPO;
  - \* SECRETARIA DIOCESANA DE PASTORAL OPERÁRIA : DENISE - UTINGA;  
Diac. Décio - LESTE;
  - \* TESOUREIRA : DEOBALDO - DIADEMA; CARLINHOS - LESTE;
  - \* REPRESENTANTE DA PROVÍNCIA ECLESIASTICA DE SÃO PAULO: CARLINHOS - LESTE;
  - \* REPRESENTANTE DA ESTADUAL : DÉCIO - LESTE; DENISE - UTINGA;
  - \* ACESSORIA : Pe. Luciano; Pe. Praxedes; Diac. Décio; Frei Betto; Terezi - nha Toledo; Márcio; José Demarchi; Pedro Raimundo.
- OBJETIVOS: TENTAR ARTICULAR JUNTO AO CLERO A PASTORAL OPERÁRIA.

---

CONJUNTURA ECLESIAL: a princípio, Terezinha Toledo esclareceu ' que a conjuntura pode ser feita a partir ' da ótica do opressor ou da ótica do oprimido. A que segue é baseada na ótica do trabalhador oprimido, que é a ótica do evangelho.

Formaram-se sete grupos menores, que trabalharam na seguinte questão:  
COMO ESTAMOS VENDO A CONJUNTURA ECLESIAL E QUAL DEVE SER O PAPEL DA IGREJA HOJE?

### S Í N T I S E D O S G R U P O S

#### ASPECTOS IMPORTANTES DA DISCUSSÃO:

- ...a Igreja se apresenta com dois lados: conservador e progressista. O lado con servador está predominando;
- ...a Igreja-povo está comprometida: o povo está cobrando o compromisso de liber tação;
- ...existe o confronto da prática eclesial com os documentos escritos;
- ...etc...

#### AVANÇOS E RECUOS NA IGREJA:

- ...AVANÇOS - o povo descobre que deve caminhar, independente da Instituição;
  - ligação entre fé-vida
  - consciência de que a essência do evangelho não pode ser manipulada;
  - opção pelos pobres;
  - caminhada conjunta entre padres-povo;
  - organização.
- ...RECUOS.....- recentes nomeações de bispos e cardeais conservado res;
  - envolvimento da Igreja na doença-morte de TANCREDO.
  - discussão da "batiha" na Ass. Itaici;

- ... PAPEL DA IGREJA - investir nas pastorais;  
 - cobrança da fidelidade entre documento e prática;  
 - vivenciar o evangelho;  
 - cobrar do bispo as posições e respaldá-lo;  
 - incentivar a missão profética da Igreja, visando a nova sociedade.

\*\*\*\*\*

BALESTRA DE FREI BETTO À RESPEITO DE CONJUNTURA ECLESIAL:

- conjuntura e a ciência que permite a gente caminhar;
- na Igreja existem hoje duas classes: classe rica - opressora  
 classe pobre - explorada (sociedade)
- os conflitos existentes na escola, na família e na Igreja não vão acabar se não se mudar a estrutura social;
- a conversão de um padre e de um bispo não vai acabar com o conflito de classes na Igreja. Dentro da sociedade classista existe uma só Igreja;
- " a luta de classes é a parteira da história ". Sair do conflito é deixar de participar da história;
- dentro da Igreja existem questões políticas e questões de fé. A questão política é a que cria mais conflito;
- na hora da aplicação da fé à vida (hora da pastoral) surgem os conflitos, porque tem padres e leigos que são conservadores, moderados e progressistas;
- o normal é o medo que se tem de mudanças;
- o Evangelho é entendido de acordo com o chão onde pisamos;
- o Evangelho tem que ser lido no contexto, para ser um pretexto para a luta. Normalmente, isso acontece no conflito.
- dentro da dimensão de fé, Deus está no meio como um Pai e não como um paternalista. Deus fez um projeto que foi alterado por nós (Caim e Abel);
- na dimensão política de nada adianta conversar com o patrão se não se muda o sistema de distribuição dos meios de produção. Dessa forma, só existirá o diálogo, sem nenhuma perspectiva de solução;
- o importante é a construção do REINO DE DEUS. Para isso, temos uma ferramenta: a política;
- a Igreja está passando por uma transição política no Brasil, da ditadura militar para uma "democracia" (governo populista). A ditadura acabou, mas não acabou o sistema capitalista;
- a P.O. - PASTORAL OPERÁRIA - é o lugar do abastecimento. Nossa atuação deve se dar junto aos sindicatos, Saba, partidos políticos, etc... Mas deve haver pessoas que se dediquem mais intensamente à organização interna da própria pastoral operária, de acordo com o plano de Deus e a realidade;
- é preciso ter a formação de militantes dentro de um trabalho de massas (em vista de um trabalho com massas). Isso é o que falta no Brasil.

INFORMES:-

- José Albino foi eleito coordenador diocesano da Pastoral Operária. Informou-se ainda sobre toda a constituição da nova equipe de coordenação.
- GENILA - haverá um estudo de história da Igreja e CLASSE OPERÁRIA em SB. CAMPO, SANTO ANDRÉ E MAUÁ, de 05 à 07 de Setembro desse ano, cujos articuladores serão: JOSÉ DEMARCHI, DIÁCONO DÉCIO E JOSÉ ALBINO. Para esse estudo, os companheiros da P.O. devem procurar companheiros que militaram nas décadas anteriores para levantamento de dados diversos.
- SEMANA DE TRABALHADOR EM SÃO BERNARDO, organizada pela P.O. DIADEMA-SB, CAMPO E IGREJA MTRIZ N.S. BOA VIRGEM, de 22 à 26/07/85, na Igreja Matriz.
- Continuidade do curso de formação na Matriz de SB. Campo, 17 à 21/06, com o seguinte tema: O QUE É PASTORAL OPERÁRIA E SUA FUNÇÃO; acessor: FREI BETTO.
- Encontro diocesano da P.O. (próximo): - 14 à 15/11 ainda no PAULO VI. Ser: um encontro de avaliação e programação.

PROPOSTAS CONCRETAS :-

- \* acompanhamento dos grupos em formação, e se possível formar novos grupos em um trabalho conjunto, sendo que os dois representantes de cada região devem assumir isso dentro da região;
- \* levantamento geográfico para se ter um quadro geral do trabalho de Pastoral Operária na nossa diocese;
- \* criar mecanismos de informação e comunicação entre todos os militantes da diocese;
- \* formação política-religiosa para os militantes da P.O. .

INFRA - ESTRUTURA DE TRABALHO PARA A DIOCESE.

- \*\*\* uma máquina de escrever;
- \*\*\* uma OFF-SET;
- \*\*\* um mimeógrafo a tinta;
- ... uma guilhotina;
- ... papéis para impressos, apostilas;
- \*\*\* livros e cartazes;
- \*\*\* um projetor mais conjuntos de slides;
- \*\*\* um gravador;

OBS. que esta infra-estrutura seja providenciada com certa urgência para que possamos fazer uma avaliação de trabalho no fim do ano, em termos de dinamização das atividades da Pastoral Operária.

\*\*\*\*\*

SEGUIU-SE COM A CELEBRAÇÃO E POSTERIOR AVALIAÇÃO, que por motivos práticos não puderam ser incluídos nesse relatório.

\*\*\*\*\*

Secretaria Diocesana  
de Pastoral Operária - ABC

INSTITUTO PAULO  
VI  
São Paulo, 28 de Abril de 1985 .

São Bernardo do Campo, 28 de fevereiro de 1988.

Olá, Companheiro (a)

Nossa próxima reunião será no dia 03 (três) de março, na Creche do Baeta e teremos a seguinte pauta:

- 9:00 - Oração
- 9:15 - SEMANA DO TRABALHADOR
- 10:30 - Café
- 10:45 - CONSTITUINTE
- 12:00 - Celebração
- 12:45 - Almoço
- 14:00 - MULHER HOJE
- 15:00 - Informes
- 15:30 - Café
- 15:45 - Estudo do Texto "CRISTIANISMO E SOCIALISMO"

Sairemos, como de costume, às 8:30 hs. da Matriz.

É importante levar o Evangelho para a celebração e o Texto "CRISTIANISMO E SOCIALISMO" para estudarmos juntos. Para o lanche comunitário, leve salgado, fruta ou bebida.

Esperamos por você

Um abraço.

  
PASTORAL OPERÁRIA - SBCAMPO

PROPOSTA DE UNIFICAÇÃO DA "AÇÃO CATÓLICA OPERÁRIA" ( A.C.O. ) E A PASTORAL OPERÁRIA DO ABC , COMO MOVIMENTOS.

O OBJETIVO seria evitar a multiplicação de equipes de base de trabalhadores<sup>s</sup> cristãos nos mesmos bairros e nos mesmos ambientes de trabalho, com a divisão de forças que isso provoca, e a multiplicação de esforços de alguns militantes. Evitaria também a multiplicação de "campanhas", atividades e Dias de Estudo separados.

Unificadas as equipes de base, ficariam no ABC, o Movimento A.C.O. , com sua autonomia de movimento leigo, seus relacionamentos nacionais e internacionais (com o Movimento Mundial de Trabalhadores Cristãos ), e por outro lado um Conselho Diocesano de Pastoral Operária para atender as tarefas mais diocesanas.

MÉTODO - O caminho para essa unificação poderia ser o seguinte :

1º - Discussão por parte das Equipes dos dois movimentos de um plano de unificação progressiva , dos objetivos principais da A.C.O. e da P.O., e das tarefas que ficariam para o Conselho de Pastoral Operária.

2º - As equipes de base levariam suas opiniões e sugestões às Coordenações respectivas, que estudariam os novos passos a dar.

3º Esse plano seria elaborado pelos militantes da A.C.O e da P.O., junto com o Bispo e com os assistentes dos 2 movimentos.

CONTEUDO DA PROPOSTA . ( A ser discutido)

- A linha fundamental do plano poderia ser que a Pastoral Operária confiasse a A.C.O. do ABC a tarefa de organização e formação dos operários cristãos, e ela ficaria com as seguintes tarefas, por exemplo :

- Representar a "Prioridade da Pastoral do Mundo do Trabalho", em forma permanente no Conselho Diocesano de Pastoral, e nos Setores (Foranias) quando for necessário.

- Relacionamento com os Padres, Religiosas, outros Movimentos de leigos, Comunidades cristãs, etc.

- Coordenação dos grupos de operários cristãos que não aceitarem a unificação com a A.C.O., mas que quisessem seguir as orientações da Diocese em Pastoral Operária.

A militância na ACO seria reconhecida pela Diocese ( Bispo, Conselho de Pastoral, Folha Diocesana, etc.) como uma atividade na Prioridade "Mundo do Trabalho".

- A ACO da Diocese se comprometeria a colaborar com o Conselho de Pastoral Operária, e reciprocamente, na medida de suas possibilidades.

- Os problemas comuns seriam resolvidos por reuniões da Coordenação diocesana da ACO e o Conselho de Pastoral Operária, quando for necessário.

-- Assembléias de operários, Dias de Estudo, Manifestos, etc, estariam normalmente a cargo da ACO, conforme o método e necessidades deste Movimento. O Conselho da Pastoral Operária cuidaria das necessidades de formação das equipes de trabalhadores que não aceitarem o método ou a orientação da ACO, mas que forem fieis às orientações da Diocese.

Santo André, 29 de outubro de 1980

\*\*\*\*\*

# IGREJA E CLASSES TRABALHADORAS

---

CICLO DE PALESTRAS

- 27-7 **CARLOS MESTERS**  
**OS TRABALHADORES NO TEMPO DE JESUS**
- 28-7 **LULA - ANA DIAS E FREI BETTO**  
**IGREJA, SINDICATO E MOVIMENTO POPULAR**
- 29-7 **JOSÉ DE SOUZA MARTINS**  
**IGREJA E LUTA PELA TERRA**
- 30-7 **LEONARDO BOFF**  
**IGREJA E SISTEMA CAPITALISTA**
- 31-7 **D. CLÁUDIO HUMMES**  
**PROJETO DE DEUS PARA UMA SOCIEDADE NOVA**

**LOCAL:** SALÃO PAROQUIAL DA IGREJA MATRIZ DE SÃO BERNARDO  
RUA PE. LUSTOSA, 391 - SÃO BERNARDO DO CAMPO

**HORÁRIO:** 19,30 HORAS

**VENDA DE INGRESSOS:** SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Pe. Lustosa, 292  
Fone: 445 5227  
SÃO PAULO - Rua Caiubi, 126 - Perdizes

**PROMOÇÃO:** PASTORAL OPERÁRIA DE SÃO BERNARDO  
IGREJA MATRIZ

São Bernardo do Campo, 2 de julho de 1981.

Companheiro:

Tendo em vista a preparação da Semana do Trabalhador, que se realizará de 27/7 a 31/7, às 19:30 hs. no salão paroquial da Igreja Mãe, sob o tema "IGREJA E CLASSES TRABALHADORAS", e ainda, a impossibilidade de muitos elementos comparecerem no dia 12/7, por motivo de viagem, nossa reunião geral desse dia foi transferida para o dia - 26/7, às 9:00 horas, no mesmo local, onde serão tratadas as últimas providências em relação à semana.

Dentre outros assuntos da pauta, aproveitaremos a oportunidade de para continuarmos a preparação para o Encontro de dia 16/8, levantando temas para os debates.

No dia 19/7, estaremos de plantão na sala 2 (nossa sala de reuniões), a partir das 9:00 horas até às 12:00 horas para ACERTO DA VENDA DE DICENSIOS.

Um abraço cordial

Note Bem: Próximas reuniões

26/7 - 9:00 hs.

02/8 - 9:00 hs.

16/8 - 9:00 às 17:00 hs. Encontro.

Beto - A reunião da coordenação será no Fundo de Grêve, dia 20/7, 2ª feira, às 19:30hs.

São Bernardo do Campo, 7 de abril de 1981.

Companheiros:

Dia 12 próximo estaremos reunidos para o Encontro da Pastoral Operária de São Bernardo do Campo, no salão da Igreja Matriz, que se iniciará às 9:00 hs. e tem previsão de término para as 14:00hs.

A pauta será:

- Leitura do Evangelho pela ótica do oprimido
- O Papel da Pastoral Operária.

Teremos, se possível, a presença de um líder sindical, para tratar da presente campanha salarial.

Faremos um lanche comunitário para o qual cada um contribuirá com um salgado, uma bebida ou fruta.

No dia 16/4 (Quinta-Feira Santa) às 19:30 hs. terá início um retiro no clube "Rosa Mística", sob o tema "O Mistério da Redenção", para o qual somos convidados.

Os que estiverem interessados, deverão fazer inscrições na Matriz. A P.O. pagará a estadia. Para tanto confirme, no domingo, sua participação.

Cordialmente

Alzina  
Sec. P.O. S.B.C.

REFLEXÃO SOBRE A ATUAL POLÍTICA SINDICAL BRASILEIRA  
PARA AS PASTORAIS OPERÁRIAS DO BRASIL ( CIRCULAÇÃO INTERNA )

A PASTORAL OPERÁRIA NACIONAL através de sua Comissão nacional, quer encaminhar a aprofundar a reflexão sobre o MOVIMENTO SINDICAL atual, conforme a exigência expressa no encontro nacional de dezembro pp.

O objetivo deste estudo é oferecer aos militantes da Past. Operária de todo o país, um subsídio para analisar a caminhada do movimento operário, as forças que nele atuam e poder melhor situar a atuação da Pastoral Operária nesse contexto.

REPRESSÃO À CLASSE OPERÁRIA NO BRASIL

A classe operária vem sofrendo dentro do sistema capitalista mundial, uma das piores repressões e explorações.

Nos países capitalistas mais avançados, como Estados Unidos e os países da Europa Ocidental, a classe operária está ameaçada pelo desemprego crescente e a perda do poder aquisitivo. Mas no Brasil isso é bem pior, o desemprego chega a ser 10 vezes maior do que nesses países e o salário que já era de 5 a 10 vezes menor, está sendo sempre reduzido.

Enquanto em outros países existe salário desemprego e uma proteção social razoável, nós trabalhadores brasileiros, não só somos desprovidos das mais fundamentais proteções contra o desemprego, e sem uma mínima Previdência Social, mas somos sobretudo reprimidos pelo mesmo governo que, mostrando sua face de ditadura militar,

- reprime com violência policial qualquer manifestação de operários que reclamem o direito ao trabalho;
- usa os tribunais da Justiça do Trabalho para negar as conquistas dos trabalhadores ;
- reprime os fundamentais direitos sindicais através do Ministério do Trabalho ;
- persegue a Igreja toda a vez que padres, bispos ou cristãos lutam juntos com os oprimidos. ( Denunciar fatos concretos ).

De uma maneira mais geral podemos constatar que neste país não existe justiça alguma. Que os ricos podem fazer o que querem e que não existe lei ou justiça para eles. Que as multinacionais são donas absolutas de tudo e que podem FAZER AS LEIS que querem e quando querem. ( O Jari - O golpe de 64 ).

O Governo , publicamente através de seus Ministros, há anos, vem incentivando a rotatividade de mão de obra, como meio para abaixar o salário dos operários. E as multinacionais em particular, vêm usando deste método

para garantir seus lucros, aumentar o ritmo de produção e desmobilizar a renascente organização da classe operária.

Em síntese:

*Estamos vivendo hoje um período de profunda exploração e repressão da classe trabalhadora:*

- *Desemprego que atinge um nível insuportável.*
- *Aumento do ritmo de produtividade na maioria das fábricas.*
- *Diminuição do salário através da rotatividade.*
- *Cassações, prisões, enquadramentos, julgamento de líderes sindicais.*
- *Repressão policial dos movimentos operários.*
- *Demissões e perseguição aos militantes sindicais.*
- *Justiça do Trabalho, Ministérios do Trabalho a serviço dos interesses das multinacionais e dos empresários mais poderosos.*
- *Continua o impedimento a muitas categorias de se organizar a nível sindical, em particular os funcionários públicos.*
- *CLT que mantém o sistema sindical vertical e atrelado ao Governo.*

Em tudo isso estamos considerando só os trabalhadores urbanos porque os trabalhadores rurais talvez estejam ainda mais reprimidos atualmente e, com isso, procuram as periferias das cidades aumentando, assim, o problema dos operários da cidade.

#### CONQUISTAS DA CLASSE OPERÁRIA

Apesar de tudo isso, a partir de 1977 a classe operária está avançando. Podemos afirmar inclusive que a repressão feita através dos sindicatos pelegos é a resposta dos patrões e do Governo que temem o avanço da nossa classe que cada vez se torna mais consciente e organizada. Nos últimos anos o nosso avanço se manifestou através de vários acontecimentos:

. As greves, com participação ampla das massas, pisando de fato em cima da lei anti-greve imposta pelos patrões através da repressão militar. Greves que conquistaram, por exemplo, o reajuste semestral, mudanças de horários e negociações de produtividade.

. As eleições sindicais que mostram que em muitos lugares e em muitas categorias os trabalhadores não aceitam mais a visão patronal do sindicalismo como órgão de colaboração, de peleguismo e de assistencialismo, chegando a eleger muitas vezes diretorias autênticas ou confirmar diretorias nas linhas daquelas que o governo quer esmagar.

. Um caminho a nível local, regional e nacional, para construir um sindicalismo unitário, superando o corporativismo fascista imposto pela ditadura dos patrões desde 1930. (Com Getúlio).

Essa nova consciência de classe, consciência sindical e organização operária cresce dentro de muitas dificuldades externas e internas.

EXTERNAS: São aquelas de repressão patronal e policial do Governo, que já colocamos antes, e são ainda aquelas que o Governo, através de seus aliados na estrutura sindical existente, os pelegos, procura colocar para conter o avanço da classe ou controlá-la quando não consegue mais dominar.

INTERNAS: Devido a divisão que provocam diferentes grupos ideológicos e políticos que pretendem dirigir o Movimento Operário ou ter o hegemonia e visam muito mais desenvolver o seu trabalho em função de fortalecer suas organizações políticas do que fortalecer o Movimento Sindical.

A realização da CONCLAT em agosto de 1981 representou sem dúvida a vontade geral dos trabalhadores mais conscientes do Brasil, de caminhar para a formação da CUT e assim de um lado derrubar a atual estrutura sindical e de outro, conquistar as principais reivindicações dos trabalhadores de hoje que são:

- Garantia de emprego.
- Reforma agrária.
- Salário justo.
- Redução da jornada de trabalho.
- Controle do sistema da Previdência Social.
- Liberdade e autonomia sindical.
- Uma luta crescente e mais organizada dos trabalhadores rurais pela posse da terra. Uma maior organização dos seus sindicatos e maior participação nos assuntos nacionais.

#### DESAFIOS

Na mesma hora a CONCLAT nos desafiou para uma análise mais séria e global da situação do

Movimento Operário  
Movimento Sindical e do  
Nosso papel

Os operários atualmente, na grande maioria, se recusa a participar ativamente dentro dos sindicatos. O índice de sindicalização gira entre a 10 e 20%. Talvez a maioria dos sindicalizados o procuram pelos serviços de assistência. A maioria não acredita nos sindicatos porque estão acostumados a ver neles um órgão que está ao lado dos patrões ou do Governo.

Outro fator que impede a participação dos operários nas atividades dos sindicatos é o horário de trabalho, o salário de miséria que não permite pagar uma condução a mais ou a mesma taxa de sindicalização, etc.

1. Tudo isso nos leva a um primeiro desafio:

- Um trabalho de base (em pequenos grupos organizados) e de
- MASSA tentando atingir o maior número possível de operários

para esclarecer o porque do assistencialismo nos sindicatos, o porque do peleguismo e o que deve ser o sindicato, a necessidade de entrar nos sindicatos, etc.

2 - Outro desafio que a classe trabalhadora enfrenta é a luta pela liberdade sindical. Desde o início do Movimento Operário a burguesia, através do Estado, procura primeiro impedir o surgimento dos sindicatos. Quando não pode mais impedir que existam, procura dominar, como fez Getúlio Vargas ao impor na CLT o domínio do Estado sobre os sindicatos através do Ministro do Trabalho. Durante dezenas de anos os trabalhadores procuraram se libertar da dominação do Estado, sem porém conseguir. A partir de 1978 porém os trabalhadores estão engajados numa luta contra a atual legislação, e é por isso que o Governo está agora *tentando uma saída para poder continuar pelo menos controlando os sindicatos*.

Junto com milhares de trabalhadores, seguindo os princípios ditados pelo Papa no discurso aos operários no Murumbi e na sua última Carta sobre o Trabalho, nossa luta deve assumir esta bandeira: liberdade sindical, ou seja, lutar para que os trabalhadores tenham toda a liberdade de se organizarem nos sindicatos, do jeito que eles sabem e querem, para defender seus direitos contra a exploração do sistema capitalista.

3 - Um terceiro desafio que se apresenta também à classe operária é a respeito da *autonomia do Movimento Operário em relação aos partidos e movimentos políticos*. É direito dos trabalhadores formar e ter seus partidos políticos para ter um projeto de sociedade conforme a visão deles e o meio para alcançá-la. Mas deve-se respeitar a autonomia dos sindicatos em relação aos partidos. Nosso princípio de ação deve ser o de *respeitar dentro dos sindicatos a liberdade de qualquer trabalhador aderir ao partido ou à religião que achar melhor*.

Tudo isso não faz parte simplesmente de uma teoria, mas de problemas que enfrentamos no dia-a-dia dentro da luta operária e sindical.

Estamos vendo o movimento sindical dévidido em várias correntes. É natural e deve existir discussão no Movimento Sindical. O que não pode haver é a divisão, pois é fraqueza do Movimento Operário. Por isso, frente aos pedidos de esclarecimentos que recebemos de toda parte, queremos entrar na análise desta situação, que deixa muitos operários confundidos, às vezes desanimados e que está de fato enfraquecendo a organização operária em todo o país.

#### ANÁLISE DA SITUAÇÃO - CORRENTES SINDICAIS

Uma corrente é aquela que começou a se manifestar mais em 1977, integrada pelas Oposições Sindicais e sindicalistas autênticos, quando al-

~~guns dirigentes e militantes sindicais começaram uma luta mais aberta~~ contra a atual estrutura sindical. Esta luta se manifestou primeiro na tentativa de substituir os dirigentes sindicais pelegos por diretorias combativas. Depois se manifestou no trabalho de organização de base que deu em movimentos grevistas contra as condições salariais e de trabalho. E vem continuando na medida que procura esclarecer e mobilizar a base em torno dos problemas sindicais mais urgentes para chegar a conquistar a liberdade e autonomia sindical.

Esta corrente - que atualmente usa o nome de ANAMPOS ( Articulação Nacional dos Movimentos Populares e Sindical ) - organizou vários encontros nacionais em MOnlevade, São Bernardo e Vitória, onde são colocados os princípios para uma ação sindical. Alguns grupos políticos de esquerda participam desta corrente. A Pastoral Operária desde o início está participando com essa corrente. Estamos de acordo com os princípios desta corrente, mas achamos que temos que assumir um papel mais decidido. Muitas vezes esses princípios não saem da teoria e os encontros ficam numa discussão tão teórica e difícil que afasta os operários da produção e também os trabalhadores rurais. Por isso achamos que a nossa participação deve lembrar que nosso objetivo fundamental é o trabalho de base, é fazer com que os operários cheguem a assumir a luta.

A democracia que devemos praticar é de fato, ou seja, que desde o início e em cada momento *todos os trabalhadores possam participar na elaboração e na decisão de tudo o que lhes diz respeito.*

A outra corrente, que se chama de Unidade Sindical, vem tendo uma atuação na maioria das vezes oposta à da primeira corrente. A Unidade Sindical é articulada em torno das propostas do PCB, MR8 e PCdoB, é e composta por sindicalistas que são ligados a esses partidos e ainda por sindicalistas tradicionalmente ligados ao Ministério do Trabalho e notoriamente PELEGOS e às vezes dedo-duros. Esta política de aliança entre pessoas que se definem de " esquerda " e pelegos vem criando muita confusão no meio dos operários. Muitos, inclusive se afastam da luta sindical, não querem participar mais das assembleias devido a essa confusão. É evidente inclusive que muitas vezes o que se discute nas assembleias não são os problemas dos operários, mas os problemas políticos dos partidos e as suas divergências. É claro também que as pessoas ligadas a esses partidos estão lá para defender as diretrizes partidárias e não aceitam uma prática democrática, onde se discutam as diferentes opiniões e se aceite a decisão da maioria. O que estamos assistindo infelizmente é uma *contínua manobra por trás do pano para conseguir o domínio sobre a classe trabalhadora, para apoderar-se do aparelho sindical em alianças entre pelegos e esses sindicalistas que se apresentam de esquerda.* Em vários casos, quando a categoria estava em condições de mudar a diretoria e avançar rumo ao sindicalismo independente, essas divisões e essas manobras impediram tal avanço e vimos assim a frustração e o desânimo de muitos trabalhadores. Além disso esses grupos chegam, não poucas vezes, a *usar a violência física para impedir o livre deba*

te das questões, usam a imprensa deles para caluniar e difamar os militantes da outra corrente, distorcem os acontecimentos, como é o caso do MRB no seu jornal.

Tudo isso constitui mais um desafio para nós. Nosso princípio é o da democracia no debate sindical, do respeito ao pluralismo dentro do sindicato, do sindicalismo unitário que só se dá no confronto aberto e democrático das idéias e no respeito à maioria. Constatamos que a UNIDADE que essa corrente propõe NÃO É DEMOCRÁTICA, não respeita o crescimento e a opinião dos trabalhadores e quer ser a oposição por qualquer meio das diretrizes do partido a quem eles são ligados. Divergimos ainda deste método porque acreditamos que temos que ajudar o crescimento do povo e que não é correto querer impôr qualquer sistema político ou econômico ao povo, mas que é preciso fazer com que o povo mesmo assuma e decida a sua caminhada.

Tudo isso nos desafia também porque constatamos mais uma vez que o povo está sendo mais uma vez usado e confundido.

Em várias ocasiões, nos movimentos grevistas por exemplo, a atuação da Unidade Sindical tem sido de tentar impedir ou acabar com tais movimentos. Isso revela como esses sindicalistas fizeram uma aliança prática com os patrões e com o governo que também lhes retribuíram, garantindo muitas vezes para eles a reeleição e proteção do Ministério do Trabalho. Perguntamos: qual a vantagem para o operário dessa aliança? E podemos constatar em vários casos como esta atitude retarda o processo de conscientização das massas operárias.

POSICIONAMENTO DA PASTORAL OPERÁRIA

A Pastoral Operária que não é uma corrente sindical e muito menos um outro tipo de sindicato, mas um serviço que operários cristãos se sentem obrigados a fazer dentro do movimento operário e sindical, visa abrir a discussão sobre o problema operário em primeiro lugar para todos os cristãos, para que se engajem na luta e se abram a este problema. Ainda, a Pastoral Operária quer valorizar a cultura popular religiosa, às vezes alienada, e ajudar o povo a crescer na fé, uma fé que sem as obras é morta. Por isso precisamos refletir e analisar sempre mais a realidade da classe, do Movimento Sindical e procurar nos definir dentro dessa caminhada. Em particular devemos lutar para tornar o sindicalismo mais combativo e atuante, ou seja mais ligado à base, procurando organizar os operários a partir dos locais de trabalho (grupos ou comissões de fábrica, ou nos bairros, etc.). Nos posicionamos também por uma reforma total da legislação sobre os sindicatos, nos juntando com todos os que lutam para destrelar o sindicato do Ministério do Trabalho.

Alertamos também que não podemos ser ingênuos e fazer alianças com QUALQUER tipo de militante sindical. Lembrando como num passado não muito longe, muitos companheiros e cristãos ficaram decepcionados na luta operária.

ria porque descobriram terem sido manipulados por elementos que se dizem de esquerda. Sabendo que isso é contra o respeito à pessoa humana, devemos agir em conformidade com nossos princípios e não aceitar manobras e alianças que os nossos militantes não conhecem ou não assumem.

Mesmo correndo o perigo de entrar em discussão, devemos dar o máximo de informações para que sejam os operários que possam escolher os rumos do seu futuro.

Assim hoje é necessário que nos engajemos na luta sindical, pois a formação de uma CUT ( Central Única dos Trabalhadores ), se não for preparada pela base e participada, corre o risco de ser mais um instrumento para enganar e controlar a classe trabalhadora. Neste sentido a Pastoral Operária neste ano no seu programa a nível nacional, pretende difundir o máximo possível a discussão sobre os documentos da CONCLAT, pretende abrir a discussão sobre a situação política, econômica e sindical, em conformidade aos princípios acima citados.

Este estudo será enviado às bases da Pastoral Operária para ser lido, discutido. O fruto da discussão das bases será objeto de um outro encontro de maneira que, com a colaboração e as modificações de todos os militantes, possamos ter um documento que nos oriente no nosso trabalho.

Depoimento de D.Cláudio Hummes e de Frei Betto à Comissão de Pastoral Operária nacional, em Nova Iguaçu, 14 de junho de 1980. Transcrição de Eliseu Lopes.

FREI BETTO: Para se entender a greve do ABC e não distorcer a participação da Igreja, é preciso levar em conta duas coisas: 1º) O capitalismo brasileiro tem, no ABC, o seu lugar de maior expressão, atingindo níveis mais avançados mediante uma tecnologia altamente sofisticada; 2º) A diocese de Santo André - que abrange todo o ABC - estende-se por uma área habitada, quase totalmente, por trabalhadores migrantes. Desde D. Jorge Marcos, esta Igreja assumiu um compromisso efetivo com os trabalhadores, ativando a Ação Católica Operária, a Pastoral Operária, a presença de padres operários e dos irmãozinhos de Jesus. D. Jorge deu, à Igreja de Santo André, uma identidade evangélica e sofreu as consequências de sua atitude profética. Quando renunciou, foi substituído, em 1975, por D. Cláudio Hummes. Em contato com a realidade da classe trabalhadora, D. Cláudio costuma dizer que passou por uma conversão. Sentiu-se interpelado por Deus através daquela gente tão sofrida e explorada.

Os sindicatos do ABC, à época, encontravam-se em mãos dos pelegos ou de grupos políticos que adotam, frente aos trabalhadores, uma postura colonialista. Com a repressão de 1969-73, esses grupos foram praticamente desmantelados ou passaram a se ocupar com bandeiras políticas mais adequadas aos interesses da classe média: anistia, contituente, luta contra a censura, denúncias de torturas, etc. As reivindicações específicas dos trabalhadores não estavam em pauta. Embora essas bandeiras sejam importante, inclusive para os trabalhadores, elas não eram colocadas ou discutidas fora da esfera da pequena-burguesia.

Criou-se então, entre os trabalhadores, o espaço livre capaz de permitir a emergência de lideranças autênticas, em condições de expressarem inteligentemente os interesses imediatos da sua classe. É o caso de Lula. Seu irmão, velho militante sindical, o indicou para entrar, como presidente, na chapa do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema, em 1976. Paulo Vidal (hoje no PDS), que fora duas vezes presidente, não podia, legalmente, candidatar-se a uma terceira eleição. Entrou na chapa como vice-presidente, esperando que, ao cabo de três meses, Lula renunciasse, a fim de que mais uma vez ele assumisse a presidência. De fato, a falta de experiência sindical de Lula fez com Vidal, no início da gestão, continuasse como presidente de fato. Em últi

ma instância, era ele quem decidia. Na campanha salarial de 1978, toda a categoria demonstrava querer a greve, mas Vidal conseguiu impedir, amedrontando os trabalhadores com relatos de tortura. Porém os operários da Scania paralisam suas atividades. É a primeira greve sem piquetes. Outras firmas aderem. Os empregados comparecem ao trabalho, cruzam os braços e deixam as máquinas paradas. Lula e sua diretoria decidem afastar Vidal do controle do sindicato e passam a assumir as decisões das assembleias metalúrgicas.

DOM CLÁUDIO: A campanha salarial dos metalúrgicos do ABC, em 1979, resultou em greve decidida pelos trabalhadores em assembleia na Vila Euclides. Nesta greve, além de manifestar publicamente meu apoio à greve por julgar justas suas reivindicações e pacíficos os seus métodos, estive em várias assembleias a pedido dos mesmos trabalhadores, tanto antes como depois da intervenção federal nos sindicatos. Nesta minha presença, procurei sempre ficar fiel a uma posição de serviço e nunca interfeirei nas decisões dos operários, nem promovi algo paralelo.

Quando finalmente surgiu uma proposta de acordo, os trabalhadores não tinham mais representantes legítimos para ir à mesa de negociações, porque as diretorias dos sindicatos, com a intervenção, haviam também sido demitidas por decreto do Ministro do Trabalho. Então finalmente o governo aceitou que os trabalhadores escolhessem uma comissão de representantes, que negociasse por eles. Fui convidado a participar dessa comissão, por convite de Lula e dos dois outros presidentes demitidos de Santo André e São Caetano do Sul. Respondi que aceitaria desde que fosse a expressão da vontade dos metalúrgicos e porque eles aquela altura não tinham mais voz para negociar. De fato, a Comissão de Salários e Mobilização e a própria assembleia dos trabalhadores confirmaram o convite. Assim aceitei uma missão que, depois, muitos iriam interpretar como mediação. Porém, de fato, nada tinha de mediação. Tive que esclarecer isso em nota à imprensa. Eu não me colocava no meio, para mediar entre empregados e empregadores, mas estava do lado dos empregados cujas reivindicações eram justas e cujos direitos não estavam sendo observados.

Foi uma experiência muito importante para mim. Do lado estavam os patrões, com todos os trunfos nas mãos, em atitude de quem sabe que tem toda a força e pensa conceder não direitos, mas favores. Eram muito gentis, mas degolavam a quem quisessem. Só falavam em números e lucros, sem referência a direitos e às pessoas. Por duas vezes intervim. A certa altura, um empresário me disse: "O senhor como bispo deveria preocupar-se com a paz social, em vez de apoiar greves". Respondi: "O senhor também deve preocupar-se com a paz social como empresário, mas apenas quero dizer que não existe paz social sem justiça social". Minha presença do lado dos trabalhadores e não como mediador, causava incômodo aos donos das indústrias que, por recados indiretos, insinuavam: "Se quiséssemos, po -

deríamos ter também algum bispo do nosso lado nesta mesa de negociações.".

No decorrer da greve, ainda antes da intervenção, a pedido dos metalúrgicos fui numa madrugada, às 4:30 horas, junto com um grupo do Comando de Greve, às portas da Volkswagen, pois ali aconteciam muitas violências contra os grevistas. Estando ali, entendi que esse gesto tinha um significado muito especial. O bispo diocesano num protesto frente às portas da maior indústria da região, não era só um protesto contra as violências ali cometidas, mas também um protesto contra todo o capitalismo que oprime, transformando-se, a Volkswagen, num símbolo de tudo o que significa esse capitalismo aqui no ABC e inclusive no Brasil. Con-venci-me então também que certas coisas a gente só entende quando se decide a caminhar: é no caminhar que se faz a luz sobre o caminho.

FREI BETTO: Em 1979, os metalúrgicos regressaram ao trabalho antes de ob-terem suas reivindicações, num voto de confiança na palavra do governo e dos empresários. Muitos voltaram ao trabalho ressentidos com essa pro-posta da diretoria do sindicato. O Ministério do Trabalho interveio no sindicato e, cessada a greve, suspendeu a intervenção, devolvendo-o à sua legítima diretoria. Entretanto os fatos mostraram que não se podia confiar na palavra do governo e dos empresários. Essa experiência teve peso considerável na campanha salarial deste ano. Os preparativos para a campanha de 1980 começaram no segundo semestre do ano passado. As áreas industriais de São Bernardo do Campo e Diadema foram geograficamen-te divididas entre os 20 membros da diretoria do sindicato. Cada dire-tor ficou responsável pelo trabalho de mobilização numa área de indús-trias. São mais de 600 metalúrgicas em São Bernardo e Diadema, com cerca de 140 mil trabalhadores. Desse trabalho de base, os trabalhadores indi-caram seus representantes para integrarem a Comissão de Salário e Mobi-lização, composta por 425 membros. Essa Comissão é uma espécie de or-gão deliberativo da categoria. Nela, todos os passos da campanha sala-rial são discutidos e decididos. Durante a campanha, ela era coordenada por um grupo de 16 trabalhadores, encarregados de assumir o comando da greve caso a diretoria fosse presa - o que de fato ocorreu. Desde janei-ro, diariamente os diretores do sindicato iam às portas de fábricas ter contato com os metalúrgicos. Davam explicações, distribuíam boletins, jornais e o livreto, em linguagem popular, contendo as reivindicações do ano. Por sua vez a Comissão de Salário e Mobilização promovia suas reuniões e organizava a campanha. Via-se a greve como uma possibilidade real. As coisas foram preparadas para enfrentá-la. Mas não se previa que seria tão longa nem tão dura, sob intensa e implacável repressão.

Na medida em que se preparavam para a campnha, a diretoria do sin-dicato e a Comissão de Salários e Mobilização viram que iriam necessi-tar de muito apoio na greve. Decidiram contatar outros sindicatos e en-tidades não sindicais, como a Igreja. Lula foi falar com D.Cláudio.

DOM CLÁUDIO: Coloquei a questão do apoio no Conselho Prebisterial. Expliquei que a diocese não interferiria nos rumos da campanha salarial, mas apenas respeitaria as decisões dos trabalhadores, numa atitude de serviço libertador. O Conselho aprovou por unanimidade. Adverti ainda que, numa greve, as coisas evoluem de modo imprevisível e, por vezes, é preciso tomar decisões em cima da hora, sem possibilidades de fazer as devidas consultas. Os padres manifestaram um voto de confiança.

FREI BETTO: A Pastoral Operária designou um padre para acompanhar a campanha salarial junto aos metalúrgicos de Santo André, outro para acompanhá-la junto aos metalúrgicos de São Caetano do Sul e eu para acompanhá-la em São Bernardo. Nada foi feito sem consulta prévia a Dom Cláudio. Houve perfeito entrosamento entre os agentes pastorais e o bispo no decorrer da greve.

DOM CLÁUDIO: O mesmo ocorreu em relação à Arquidiocese de S. Paulo. O Cardeal Arns e Dom Angélico faziam questão de se comunicar comigo antes de qualquer decisão. Isso assegurou a nossa unidade de ação.

FREI BETTO: No dia 30 de março, 100 mil metalúrgicos reunidos no estádio de Vila Euclides e mais os de Santo André e São Caetano decidiram deflagrar a greve às zero hora do dia 1º de abril. Sem necessidade de piquetes, 120 mil trabalhadores paralizaram a produção. Houve inclusive a adesão inesperada dos mensalistas. As assembleias na Vila Euclides eram realizadas dia sim, dia não, com participação média de 80 mil trabalhadores. O sistema de contagem da diretoria do sindicato era simples: os boletins do comando de greve eram distribuídos nas três saídas do estádio, ao fim das assembleias. A diferença entre o número de boletins remetidos ao estádio e a sobra dava bem uma idéia do número de participantes.

Antes que a greve completasse 48 horas, o Tribunal Regional do Trabalho reconhece sua incompetência em declará-la legal ou ilegal. Na cabeça do trabalhador, isso repercutiu como uma vitória. Significava que a greve era justa. Mas não uma vitória suficiente para justificar um retorno ao trabalho. O Tribunal recusou importantes reivindicações que os próprios empresários já tinham aceito, como o seguro de acidentes, o pagamento de 100% nas horas-extras de domingos e feriados e o piso salarial. Isso a imprensa não noticiou. Só falou da questão jurídica, não mostrou as derrotas econômicas. Por isso a assembleia do dia seguinte recusou os "benefícios" do Tribunal. Os metalúrgicos pediam um aumento de 15% acima do INPC, ou seja, 83% num momento em que a inflação dos últimos doze meses chegava a 84,3%. Portanto, não era um aumento real, era apenas um reajuste capaz de compensar a corrosão inflacionária sofrida pelos trabalhadores nos últimos doze meses. Os empresários ofereceram

5,5% para quem ganha até 3 salários mínimos e menos para as faixas salariais superiores. O Tribunal propôs 7% para quem ganha até 3 salários mínimos.

Muita gente pergunta: isso não teria sido uma vitória dos metalúrgicos? Por que não cessaram a greve após a decisão do TRT? Ora, quem se prepara cuidadosamente para a guerra e no segundo dia ganha uma batalha, não ganha também ânimo para continuar lutando? A decisão do TRT só fez os metalúrgicos concluírem que a greve era sua melhor arma. E esse estímulo foi reforçado no momento em que uma empresa, a Termomecânica, aceitou negociar diretamente com o sindicato, assinando o acordo proposto pelos trabalhadores. Era o sinal de que o empresário não estava tão irredutível como parecia.

DOM CLÁUDIO: A continuidade da greve após a primeira decisão do Tribunal explica-se também pelo fato de os operários não estarem lutando apenas por uma questão quantitativa, como o aumento salarial, mas sobretudo por uma questão qualitativa, como a estabilidade no emprego, o delegado sindical, a semana de 40 horas de trabalho. São garantias sociais que, pela primeira vez, adquirem prioridade na reivindicação da categoria.

FREI BETTO: É muito alta a rotatividade de mão-de-obra no ABC : 4% ao mês. Uma das mais altas do mundo. Essa rotatividade é responsável pelos baixos salários. Com ela, os aumentos salariais conquistados no papel nunca chegam aos bolsos dos trabalhadores. Chegam ao bolso do consumidor, pois o empresário repassa à nós, consumidores, o aumento concedido, no papel, ao trabalhador. Deste modo o capitalista obtém um super-lucro.

DOM CLÁUDIO: Domingo, dia 8 de abril, houve a celebração da missa de Páscoa dos trabalhadores, a pedido deles. Foi muito participada. A liturgia preparada muito bem pela Pastoral Operária fazia um excelente paralelo entre a luta dos trabalhadores e a libertação dos judeus da escravidão do Egito, páscoa dos judeus, e, sobretudo, entre a luta dos trabalhadores e a Páscoa de Jesus Cristo. Aliás, durante essa greve a evangelização explícita esteve muito presente e os trabalhadores compreenderam sempre mais o sentido de Cristo, vendo que sua luta tinha sido também pelas causas da justiça e da liberdade.

FREI BETTO: Na semana da Páscoa, inicia-se a escalada da repressão. O governo força o TRT a voltar atrás, realizar novo julgamento e proferir nova sentença. A greve é declarada ilegal, ou seja, é dado o sinal verde para a repressão agir. No dia seguinte, os helicópteros do Exército sobrevoam a assembléia na Vila Euclides. Fazem vôos rasantes, com metralhadoras à mostra, procurando intimidar os trabalhadores. Como disse alguém, "a repressão já estava visível no ar". Os trabalhadores sentiram

medo mas não arredaram pé. Todos permaneceram no estádio. Um simples maço de cigarros que tivesse caído de uma dos helicópteros teria provocado um pânico de consequências desastrosas. Essa resistência da assembléia frente à intimidação do governo deu muita força aos trabalhadores. Ficaram mais confiantes de si. Os vôos dos helicópteros tornaram-se frequentes e passaram a se incorporar a paisagem de São Bernardo. Com o tempo, podiam roçar a cabeça da gente que ninguém tinha mais medo.

Em 16 de abril o governo interveio no sindicato e afastou seus diretores da vida sindical. No sábado, dia 19, ocorreram as prisões. Isso levou os trabalhadores a intensificarem sua organização, inclusive criando mecanismos para eventuais substituições no comando de greve. O apoio da Igreja foi reafirmado. Proibidas as assembléias no estádio e no Paço Municipal, os templos abriram suas portas para acolher os trabalhadores. Nas paróquias eram intensos os movimentos de apoio: as comunidades recolhiam alimentos e recursos para enviar para o Fundo de Greve. Este passou a funcionar junto à matriz de São Bernardo. Porém, a repressão cresceu. São Bernardo foi literalmente invadida, ocupada de ponta a ponta por tropas e viaturas policiais. Nas manhãs de assembléias, a cidade parecia um acampamento militar. Mas a população trafegava normalmente, as crianças iam à escola, as mulheres saíam às compras, os homens ao trabalho. Não se via operários. Quando, entretanto, se aproximava a hora marcada, milhares de metalúrgicos confluíam nas ruas próximas à matriz. Terminada a assembléia, aquela massa praticamente evaporava. Do lado dos trabalhadores, a ordem era perfeita. Nenhuma provocação. Chegou-se mesmo a criar uma estranha convivência com a polícia. Esta cercava os grevistas e, pouco depois, via-se cercada por eles, comprimida pela massa que se concentrava nas assembléias.

A comemoração do 1º de maio desmontou quase todas as previsões e contribuiu para os trabalhadores readquirirem confiança em sua luta. Nos bastidores da greve, houve quem quisesse evitar a caminhada em São Bernardo e transferí-la para a praça da Sé, em S. Paulo. Era uma maneira de esvaziar o movimento. Houve quem defendesse o confronto direto com a polícia e, portanto, discordasse da presença de mulheres e crianças. Porém, o comando de greve estava decidido a reconquistar a cidade no 1º de maio saindo em caminhada com as mulheres, crianças e muita flor.

DOM CLÁUDIO: Durante a missa do trabalhador, celebrada na Igreja matriz, algumas escaramuças lá fora causaram certo pânico dentro da Igreja. Dom Mauro Morelli teve de pedir calma aos fiéis. Mas tamanha, tão densa e tão firme era a massa, que o comando da polícia militar não teve outro jeito senão comunicar-se com o comandante do II Exército - que sobrevoava a Igreja num helicóptero - e convencê-lo da necessidade de liberar a caminhada.

FREI BETTO: Depois que os trabalhadores aprovaram a decisão de saírem em caminhada, Dom Cláudio, temendo represálias sobre eles, mostrou-se disposto a sair em procissão com os 30 concelebrantes e abrir caminho. Quando a polícia se retirou, houve uma explosão de regozijo. Deu para entender o simbolismo do ovo da Páscoa. Quem não esteve lá jamais poderá saber o que foi aquilo, aquela hora de imensa euforia, o povo saindo pelas ruas cantando, ostentando faixas e flores, crianças e velhos irmanados com os trabalhadores. Assim deve ser a hora da libertação de um povo!

O 1º de maio trouxe novo alento à greve. Depois, veio a caminhada das mulheres pela reabertura das negociações. Muitos episódios revelam a corrente de solidariedade que se criou entre a população do ABC. O pessoal do Fundo de Greve foi a uma flora, comprar flores para a caminhada das mulheres. Perguntaram quanto custava todo o estoque. Custava 8 mil cruzeiros. Queriam comprar tudo, mas o dono da flora se recusou a vender, pois era véspera do dia das mães e ele não queria decepcionar sua freguesia. Então o pessoal do Fundo de Greve explicou para quem eram as flores. Sem hesitar, o homem ofereceu, de graça, todas as flores, como sinal de sua solidariedade à campanha salarial dos metalúrgicos. Gestos assim eram frequentes. Outro comerciante ofereceu caixas de frutas quando soube que elas se destinavam aos sindicalistas presos. Numa favela de Vila Palmares, uma comissão recolhia contribuições para o Fundo de Greve. (Diga-se de passagem que, nessas ocasiões, os pobres contribuem mais facilmente que os ricos). Num barraco paupérrimo, a velhinha tinha apenas uma pata amarrada no pé da mesa. A pata botou um ovo e a velhinha imediatamente ofereceu o ovo ao Fundo de Greve. 50 famílias de posseiros da Ilha do Bananal, que resistem à tentativa de tirá-las de lá, conseguiram juntar e enviar 2 mil cruzeiros.

A greve se manteve firme, sobretudo em São Bernardo, até o 30º dia. Começou então a curva de declínio, provocada pela campanha da Federação das Indústrias de S. Paulo, ameaçando os grevistas de demissão por abandono de emprego. Essa campanha não encontrou uma contra-ofensiva à altura por parte da assessoria jurídica do sindicato. Contudo, a greve durou mais 12 dias, quando então foi votado o retorno ao trabalho e a continuidade da luta dentro das fábricas. Os trabalhadores não retornaram abatidos por sentimento de fracasso, pelo contrário. Embora tenham tido grandes prejuízos financeiros, sentem-se orgulhosos pela longa e dura resistência que suportaram. Viram que a diretoria do sindicato foi até as últimas consequências, inclusive à prisão. Criou-se entre os trabalhadores uma aguda consciência do caráter do Estado burguês. Hoje eles sabem claramente de que lado está o governo e quem são os empresários. Entenderam que a luta não se trava apenas ao nível reivindicativo, econômico, mas também ao nível social e político.

O grande apoio que a greve teve foi do próprio povo do ABC. Estabeleceu-se entre a população, fundamentalmente trabalhadora assalariada

uma forte solidariedade, uma socialização de seus bens e recursos. O Fundo de Greve contou com o apoio decisivo de cerca de 300 entidades, desde comunidades eclesiais de base a órgãos de classe, que se reuniam na Assembléia Legislativa de S.Paulo. Este Comitê de Apoio recolheu cerca de 11 milhões de cruzeiros. Outros recursos entraram através da Igreja. A Igreja só assumiu a responsabilidade pelo Fundo de Greve, mas não cuidou de sua administração. Isto ficou por conta dos trabalhadores que, só na matriz de São Bernardo, chegaram a distribuir alimentos para cerca de 46 mil metalúrgicos, beneficiando 146.532 mil pessoas, num total de 422 toneladas de alimentos. Ainda sobraram 30 toneladas, sem falar da distribuição de remédios e aviamento de receitas.

Para receber o benefício do Fundo de Greve - mantido também pela contribuição mensal de seus sócios operários, na base de Cr\$ 30,00 - o trabalhador tinha que comparecer pessoalmente, nada de enviar a esposa ou um filho. Na primeira mesa, ele provava que era metalúrgico e estava em greve; na segunda apresentava o registro de nascimento de filhos, comprovava o número de dependentes e o salário que recebe; na terceira, falava de sua participação na greve, se estava tomando parte de alguma organização no bairro ou na paróquia, qual era o seu comparecimento às assembleias, etc. Assim, quem entrava avulso, saía organizado. Na quarta mesa, o trabalhador verificava quais das 5 cestas-básicas correspondia as suas necessidades, se precisava de mais leite em pó ou de mais açúcar ou de mais farinha. Tudo estava muito bem organizado e controlado.

Quanto a participação da Igreja, é preciso dizer que não se procurou saber que tipo de vantagem a Igreja tiraria apoiando a greve. Antes, buscou-se saber que tipo de vantagem os trabalhadores perseguiam. Lutou-se pelos direitos dos trabalhadores e não pelos direitos da Igreja. Esta colocou-se a serviço do Reino viabilizado na união dos trabalhadores em prol de mais liberdade, justiça e garantias sociais. É claro que esse apoio da Igreja enquanto instituição - pois enquanto sacramento de salvação do povo de Deus ela deita raízes na alma do trabalhador do ABC - foi facilitado por sua própria opção pastoral. As três opções fundamentais da diocese de Santo André são Família, CEBs, e Pastoral Operária. Todas na linha de Puebla, ou seja, de opção preferencial pelos pobres. No ABC, os pobres são fundamentalmente os trabalhadores que habitam as favelas (São Bernardo possuía 4 favelas em 1964 e hoje conta com 186) e trabalham nas multinacionais. Nada foi feito pela Igreja que não partisse de uma solicitação dos trabalhadores. Até as orações nas assembleias. Quando D.Cláudio compareceu a primeira assembleia, alguém sugeriu que ele rezasse o Pai Nosso com 100 mil trabalhadores que lotavam o estádio da Vila Euclides. Ele se perguntou se seria oportuno, mas logo a multidão, aos gritos, pediu o Pai Nosso... Os operários, em sua maioria são cristãos, em momentos como esse se sentem muito identificados com a Igreja. As celebrações no estádio e na matriz também partiram

deles.

DOM CLÁUDIO: Era um fenômeno mais do que simplesmente cultural, pois na aqueles momentos se expressava uma consciência de fé como estímulo à luta pelos seus direitos e fonte de profunda esperança. Diante da densidade daquelas celebrações, convenci-me que tantas vezes a Igreja celebra quando o povo não tem nada a celebrar e, quando o povo precisa celebrar algo, a Igreja nem sempre está presente.

FREI BETTO: A greve do ABC me ajudou a entender melhor a bíblia. Se algué, fosse descrevê-la pela ótica da fé, resultaria num texto bíblico. Ali se sentia uma perfeita adequação entre a luta do povo e a presença de Deus em sua caminhada. As celebrações se davam como eixo dos acontecimentos, lugar de explicitação de um Sentimento maior que havia em tudo aquilo. As assembléias da Vila Euclides não eram apenas o local em que os trabalhadores dialogavam com os seus líderes e tomavam suas decisões. Eram também o grande momento de visibilizar a união estabelecida entre eles. Eram sacramentos da comunhão que, efetivamente, existia entre todos. Nesse contexto, a Igreja ali era o que deve ser: sinal do povo de Deus presente na história, sacramento de Boa Nova trazida por Jesus, especialmente para os pobres.

DOM CLÁUDIO: Ao dar o informe sobre a greve ao Conselho Permanente da CNBB, procurei acentuar os seguintes pontos:

1. O número de pessoas envolvidas, os grevistas e suas famílias, representava pelo menos metade da população da diocese toda;
2. Os trabalhadores não reivindicam apenas aumentos de salários; queriam mudanças de ordem qualitativa, como estabilidade no emprego;
3. A questão da legalidade ou da ilegalidade da greve: é preciso distinguir entre legalidade e ilegalidade. O critério é a justiça. Uma greve, por ser declarada ilegal, não perde necessariamente a sua legitimidade nem deixa de ser justa. Um direito não passa a ser automaticamente acatado pela Igreja pelo simples fato de se tornar legal, como é o caso da lei de divórcio em nosso país;
4. O apoio da Igreja sempre se colocou na forma de serviço;
5. As implicações políticas: nenhuma stitude é politicamente neutra. Mesmo aquelea que pretendem afirmar-se neutros tomam uma posição política. Não tememos as consequências políticas de nosso apoio, principalmente considerando o caráter libertador dessas consequências. Por outro lado, não se faz política diretamente partidária ou de busca de poder político.
6. Como funcionaram os mecanismos de repressão, ao arrepio da lei;
7. A solidariedade despertada em todo país e mesmo fora do país;
8. Os resultados da greve, diante de uma sincera avaliação. Ela ajudou

aos trabalhadores em terem mais confiança em sua união e em sua capacidade de decidir seu futuro;

9. Enfim, a greve contribuiu para nos mostrar o limite da abertura política do governo que, de fato, exclui os mais humildes os pobres. Ela exige, portanto, um novo comportamento da Igreja dentro dessa conjuntura, na linha das opções de Medellín e Puebla.

---

PERMITIDA A REPRODUÇÃO E PUBLICAÇÃO

---

PALESTRA : IGREJA, SINDICATO E MOVIMENTO POPULAR

FREI BETTO, LULA E ANA DIAS

COLOCAÇÃO DE FREI BETTO

A igreja vai falar a partir daquilo que tem sido a vivência da igreja, especialmente aqui no ABC e nos acontecimentos relacionados com sindicato e Movimento Popular que de alguma forma vocês já tem conhecimento. Eu falarei a partir da situação da Igreja, na sua relação com o Movimento Popular, Ana Dias vai falar do Movimento Popular e sua relação com a Igreja e o Sindicato e Lula do Sindicato e sua relação com a Igreja e o Movimento Popular.

Gostaria de chamar atenção para três pontos :

1º - A mensagem de Jesus que a gente conhece pelo nome de Evangelho. O objeto da mensagem de Jesus não é a igreja, mas o Reino. O que Jesus quer dizer com a palavra Reino, que aparece mais de 100 vezes no Evangelho e a palavra Igreja que aparece 2 vezes no Evangelho de Mateus ?

E a gente hoje fala tanto em Igreja e pouco em Reino. Jesus só falava em Reino. Reino é uma expressão utilizada por Jesus para significar o mundo como Deus quer. Para significar o fruto do projeto libertador de Deus na caminhada do seu povo. Onde existe justiça, liberdade e fraternidade existe o Reino. E nós nos salvamos segundo a proposta de Jesus não por estarmos na Igreja, mas por estarmos no Reino. Mas, frequentemente a gente faz confusão entre Igreja e Reino. É como se a gente ao invés de comprar o sapato, a blusa, o rádio anunciado numa propaganda, a gente comprasse a própria propaganda achando que está comprando, o produto. A Igreja, não é o produto, a Igreja é a propaganda. O que interessa é o Reino. A missão da Igreja é anunciar, ser anunciado Reino que é algo que se realiza a partir da Igreja, mas realiza também a partir da Igreja. E também dentro da Igreja existe sinais de anti-Reino, de injustiça, de dominação, de prepotência / porque se não fosse assim nós não precisaríamos rezar o Pai Nosso , perdoai as nossa ofensas nem começar as nossas missas com o ato penitencial.

2º - Quem se salva é quem está no Reino e não necessariamente quem está dentro da Igreja. "Não é aquele que diz : Senhor, Senhor que entrará no Reino de Deus, mas aquele que faz a vontade do meu Pai que está nos céus." Dirá o Senhor aos justos : "Vinde benditos de meu Pai, porque tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber", e eles dirão : quando foi Senhor que te vimos com fo

me, com sede, porque nem fé eu tinha. A cada vez que vocês fizeram isto a um desses pequeninos foi a mem mesmo que vocês fizeram. Porque a cada vez que nós nos comprometemos automaticamente com o projeto de Deus na História. E a fé é a luz que nos permite entender o sentido / último e absoluto disto.

Igreja é sal na comida, é fermento na massa, é luz no mundo. Muitas vezes pusemos o sal fora da comida, queríamos que as pessoas ao invés de comer o feijão e o arroz comessem o sal. E é muito amargo. Mas quando o sal está misturado com a comida, está misturado de tal maneira que se a gente olhar não sabe se a comida tem sal ou não. Porém quando a gente entra dentro da realidade da vida a gente / sabe se aquela realidade tem ou não um sabor novo.

Fermento na massa - quantas vezes a gente não põe o fermento fora da massa e por isso a massa não crescia. não se fermentava. Por isso a gente ficava xingando a massa que não cresce, não se liberta, não atinge os seus projetos.

Luz fora do mundo - quantas vezes a gente pôs a luz de baixo da cama e caminhou às escuras e muitas vezes iluminado pelos faróis do poder.

3º - Tudo isto traduzido para a realidade de hoje significa o seguinte :

A realização suprema da Igreja é fora dela. Por mais estranho que esta afirmação pareça. A igreja é tanto mais ela mesma / quanto mais está fora dela e assim como cada um de nós é tanto mais a gente mesmo quanto mais a gente está fora da gente mesmo.

Hoje, no Brasil, nós assumimos o nosso compromisso evangélico quanto mais nos colocamos a serviço do Movimento Popular e do Movimento Sindical. Porque o Movimento Popular e o Movimento Sindical são as ferramentas do Reino, hoje, na realidade brasileira. O cristão é aquele que à luz da fé, à luz do evangelho reconhece no Movimento / Popular, no clube de mães na associação de bairro, no Movimento de Favela, no loteamento clandestino, na luta pela terra e no Movimento Sindical as ferramentas do Reino.

É por aí que se constrói o projeto de Deus na História . E o importante não é tanto crer no projeto de Deus, é realizar o projeto de Deus. Jesus não disse eu preguei e vocês acreditam, Jesus disse : Eu tive fome e você me deram de comer. Então a fé não é mérito , é responsabilidade de compromisso com o projeto de Deus que se realiza através da ferramentas e dos instrumentos próprios de cada tipo de luta popular, da luta sindical, da luta política.

A respeito da revelação da Igreja com o Movimento Popular e com o Movimento Sindical frisarei dois pontos :

1º - A Igreja não deve ter outro projeto em relação Movi

mento Popular e ao Movimento Sindical a não ser o colocar-se a serviço dos projetos que nascem no coração e na aspiração do povo.

Quem decide o que é bom para o Movimento Popular e para o Movimento Sindical são aqueles que participam desses movimentos e não a Igreja com instância anterior ou superior a estes movimentos. Então, o papel dos cristãos como Igreja é o de estar presentes no interior do Movimento Popular e do Movimento Sindical. Não para formar ilhas de cristandade. A CEB, sim, é o espaço de reflexão, nutrição e celebração da fé cristã.

Não tem sentido dizer que o clube de mães só pode entrar / cristãos. Aí entra quem é mãe. Na associação de bairro, o cristão seja católico, protestante, espírita, entra o ateu, entra todo mundo que / tem interesse social.

No Movimento Sindical entra todo trabalhador e se o cris tão tem algum papel específico é o de colocar a serviço e de tentar / descobrir dentro das definições que o movimento vai gerando, aonde es tão as coincidências com o projeto de Deus.

Por exemplo, o projeto de Deus é um projeto favorável ao oprimido. Este é um critério do projeto. Então, no Movimento Popular e Sindical eu devo procurar saber onde é que está sendo feita a política favorável ao oprimido e não o jogo dos patrões, dos opressores e do go verno.

Outro critério evangélico :

Onde é que o Movimento Popular e Sindical está nascendo da própria luta e aspiração do Povo e do trabalhador. Porque Deus não é paternalista ; Deus é Pai, mas não é paternalista ; Ele não teria tido tamanha paciência histórica de deixar que o próprio povo fosse gerando o seu progresso de luta e de libertação. Ele teria resolvido tudo. De us teria sido, como disse o Carlos o grande pelego que dá tudo pronto para todo mundo. Mas, não, a pedagogia de Deus na Bíblia é de deixar / que o povo vá descobrindo este processo. Deus Liberta, libertando ; DE US liberta através do nosso esforço de libertação.

Uma segunda coisa importante dentro do nosso trabalho jun to ao Movimento Popular e Sindical é que enfrentaremos as mesmas divi sões, os mesmos conflitos que existem na sociedade de classes em que vivemos.

Acho muita graça quando alguns amigos meus que se dizem marxistas acusam a Igreja de estar fazendo uma jogada política de apro ximação das Classes populares. Porque eu acho graça ? Não é pela acus ação, é porque não admito que alguém que se considera marxista faça / uma afirmação desta. Porque esta é uma afirmação idealista. Imaginem a Igreja como uma sociedade de anjos pairando, acima das contradições e que portanto pode se der ao luxo de dizer : agora vamos todos para o

povo, agora vamos todos para Brasília. Quando não é isto. A Igreja é uma instituição como outra qualquer. Como o Movimento Popular e o Sindical está dividido entre autênticos e pelegos, entre oprimidos e gente que está fazendo o jogo dos opressores ; entre um D. Paulo e um Padre que se faz porta-Voz de repressão. Isto é a Igreja, não está fora da contradição social, que nós vivemos hoje no Brasil. Ela reflete no seu interior esta contradição. E nós através de todo o projeto que nós vamos assumindo junto com o nosso povo, seja no Movimento Popular, no Movimento Sindical, no movimento político temos que ter muita clareza, porque assim como Jesus enfrentou na Palestina do seu tempo conflitos sociais com características profundamente religiosas, como foi o conflito mais evidente com os fariseus, nós também vamos enfrentar na Igreja do Brasil. Aliás sempre enfrentamos, só que agora há um interesse especial dos poderosos de ressaltar os conflitos internos da Igreja com o intuito de dividir de certa maneira ainda mais, sem, entretanto, saber que o nosso compromisso com o oprimido vai sempre gerar desgostos com aquele que não se identifica com o projeto de Jesus Cristo.

Terminando, o papel da Igreja não é o de substituir o MP nem ditar normas para o MS. O papel da Igreja é de se fazer presente no Movimento Popular e Sindical através da pessoa dos trabalhadores / que são tocados pela fé em Jesus Cristo. Desta parcela de povo e de trabalhadores que entende que o projeto de libertação tem aí uma característica política, tem uma raiz profundamente bíblica. Que através de sua fé identifica numa greve, numa reivindicação, numa luta não apenas alguma coisa que tem um interesse imediato hoje, na história, mas uma forma de realizar o próprio projeto de Deus na Bíblia e de assumir o próprio compromisso que Jesus assumiu com os oprimidos . Então, a Igreja será tanto mais Igreja quanto menos ela aparecer como Igreja e quanto mais os cristãos, como fermento na massa forem capazes de ir realizando este projeto do Reino, que é projeto de justiça, que é projeto de liberdade, que é o projeto de uma sociedade fraterna e justa. Parece-me que está é a missão da Igreja hoje de se colocar / na raiz do Movimento Popular e Sindical como serva pobre e acreditando que o próprio povo, o próprio trabalhador é que vai encontrando o seu caminho.

## COLOCAÇÃO DE ANA

Vou contar um pouco do que aconteceu em toda a minha vida. Todo o meu trabalho nasceu na Igreja. Foi na Igreja que aprendi muitas coisas. Foi nesta caminhada que a gente conseguiu descobrir que temos cabeça, que pensamos. E quando o povo começa a pensar e começa a fazer alguma coisa, ele começa a ser vigiado, perseguido, torturado e morto. Mas isso já aconteceu há muitos anos atrás com Cristo também. E a gente sabe que Cristo foi perseguido, foi morto porque Ele fez alguma coisa. A Igreja parou muito tempo e agora, de uns tempos para cá, ela percebeu que deveria seguir mais o Evangelho.

E a partir deste Evangelho, a gente conseguiu entrar numa escola; a Igreja foi uma escola para todos nós. O que nós aprendemos com os pais, com a escola, a gente aprendeu com o trabalho de Igreja, nessa renovação e nessa palavra do Evangelho. A igreja tem um compromisso de ensinar o Evangelho e a gente começa a aprender e não fica só no trabalho da Igreja, começa também o trabalho de movimentos populares. No trabalho popular a gente consegue atingir não só o pessoal da Igreja, mas o pessoal de outras religiões e o pessoal sem religião. Percebemos assim que pessoas que não vão à Igreja, pessoas que são contra a Igreja, aceitam participar com a gente desses movimentos.

Como estou aqui para falar dos movimentos populares, gostaria de contar alguns fatos do movimento que teve início com o Clube das Mães. Na nossa região, a gente percebe que a mãe também é mãe de muitos movimentos populares. Começamos com o Clube de Mães em 1972, tentando tirar a mulher de dentro de casa, que é uma das coisas mais difíceis. De início, ela começa brigar com o marido e na medida que consegue sair de dentro de casa, começa a enxergar o mundo aqui fora.

Quando a mulher está só dentro de casa fica achando que o problema é o marido ganhar pouco, o filho não ter escola, o problema do lixo, o problema da rua e assim todos os problemas que se tem na periferia, é só ela que tem. Então, a mulher fica nervosa, mas não percebe que o negócio é muito mais amplo. Ela só descobre isto quando começa participar de uma coisinha pequena que é um Clube de Mães, de um bate papo, de uma discussão. Só assim a gente começa enxergar as coisas mais longe e que o problema não está só no nosso bairro.

Mas isto não entra na cabeça de gente de um dia para outro. A gente vai aprendendo a partir de uma participação, de uma união, de uma descoberta. E depois que se descobre, a gente toma consciência que é importante, que a gente tem direito de falar, de reclamar. E isso tudo nunca mais sai da cabeça da gente. Muitas vezes acontece com a família briga, porque acha, por exemplo, que o Santo morreu, porque nos mete

mos neste movimento. Mas nem isso a gente parou de lutar.

Quando se descobre este caminho difícil, mas que é por este caminho que a gente vai chegar à liberdade, ao fim da caminhada, eu acho que aí não tem mais jeito de parar. Fica muito claro a importância da participação da mulher e do homem também. Falo muito em mulher, porque o meu trabalho é com a mulher.

As mulheres lá da periferia, não têm mais que o primário ; algumas só tem até o 2º e 3º ano primário. Elas começam a descobrir que mesmo com esse pouco tempo de estudo, conseguem fazer muita coisa.

Começamos a participar do movimento do curso de vida com 4 ou 5 mulheres da nossa região. Este movimento nasceu lá na região sul de São Paulo. Nasceu dentro do Clube das Mães e se desenvolveu tanto que hoje está um movimento muito mais amplo e com muitas dificuldades.

Neste movimento começamos a conversar sobre o porque de falar o feijão e o arroz e percebemos que o governo não dava apoio a este tipo de plantação, mas sim àquilo que dá lucro para ele. Tudo isso fez com que a mulher saísse de casa, sentasse e ficasse o dia inteiro escutando economista, gente que tem estudo, a descobrir com a gente o porque do problema. Então, vimos como o negócio é complicado ; descobrimos coisa que a gente nunca imaginava na vida. Começamos a perceber assim / que tem muita coisa para se mudar, como o governo, o sistema que a gente vive, domina o povo para que o povo fique com a cabeça pequena.

Tudo isto é discutido no Clube de Mães, o problema da televisão, o problema da educação dos nossos filhos ; porque nossos filhos tem este tipo de escola, etc. Antes, a gente não pensava isto, porque o rádio, a televisão, a escola não ensina isto.

Começamos a ver como a participação é importante e como é difícil levar a pessoa a participar, porque ela começa, não para mais em casa, começa a briga com o marido. Há problemas seríssimos desse tipo no movimento. Houve um problema lá no nosso bairro que uma das mães estava com um monte de coisas ; participando de tudo e não parava mais em casa. Aí o marido falou : "Olha, ou você continua com o trabalho de Comunidade ou continua comigo." Ela ficou quieta e pensou um pouco e no dia seguinte falou assim : "Olha, eu agora vou jogar o problema para você. Eu gosto de você e gosto do trabalho, agora se você quiser continuar comigo eu vou trabalhar na Comunidade." Assim ele viu que não tinha mais jeito de segurar a mulher em casa. Nestas horas a mulher tem que ser muito firme.

A partir desses movimentos a gente percebeu também que a Sociedade Amigos de Bairros era liderada por pessoas cabo eleitorais / dos candidatos do PDS e antes da ARENA. As mulheres começaram a assumir a liderança, organizando o povo para ir à prefeitura resolver os proble

mas da rua e do bairro. No começo a gente não sabe nem falar, mas aos poucos a gente vai percebendo que o que a gente diz é importante para os outros. A gente vai aprendendo com o povo que sofre e que sente o problema na pele.

Teria ainda muita coisa pra gente contar, porque nesse trabalho que fazemos em todos esses anos, a mulher começa a participar no Clube de Mães, nos movimentos populares e também no trabalho político. No nosso bairro surgiram dois candidatos populares. Nasceu também o movimento sindical e com ele a participação da mulher. Mesmo que ela não seja sindicalista, pode ir para porta da fábrica, levantar de manhã, sair junto com o marido ou fugir do marido e ir sozinha para fazer o trabalho. A gente percebe a importância que a mulher tem em todo trabalho.

## COLOCAÇÃO DE LULA

O nosso Sindicato é frágil da maneira que é porque o nosso movimento sindical nasceu dotado de um paternalismo muito grande. A grande maioria dos Sindicatos Brasileiros não nasceu da luta dos trabalhadores. É uma verdade dura, mas são poucos os sindicatos que nasceram da luta dos trabalhadores. No passado e ainda hoje os Sindicatos nascem de acordo com interesses políticos ou do governo ou de grupos ideológicos. Como exemplo disto podemos citar Getulio Vargas e o Secretário do Trabalho do Estado de São Paulo, Amaurilio Neto, que criou não sei quantos sindicatos rurais no estado com interesses meramente eleitorais. É um sindicato que não nasce a partir da organização da classe / trabalhadora, mas que nasce a partir do desejo político, a tendência é ele encontrar muita dificuldade para voltar às suas origens e sua organização de base.

Eu queria dizer para vocês que quando eu entrei no sindicato em 1969, encontrei dentro do sindicato uma Diretoria que depois de 2 meses ninguém mais conseguia entender o sindicato. A Diretoria era muito heterogênea e dividida por grupos ideológicos. Ela estava mais preocupada com a disputa de cargos do que com o trabalhador dentro da Fábrica. Nas reuniões de Diretoria não se discutia a questão da categoria em si, eram raras as vezes em que se discutia efetivamente os problemas de interesse dos trabalhadores dentro da fábrica.

Se observamos o que o governo fez pelo sindicalismo brasileiro a partir de 1964, é fácil de perceber o quanto de assistência médica que os sindicatos prestam hoje. É assim não só por vontade do dirigente sindical por mais pelego que ele seja, mas é resultado da política adotado pelo governo, no sentido de transformar os Sindicatos num laboratório do INPS ou num mero prestador da assistência médica. Os dirigentes sindicais por sua vez assimilaram com muita facilidade esta questão : de Dirigentes sindicais foram transformados em um Diretor hospitalar. Por que ? Porque isto é muito mais fácil do que estar enfrentando patrão, governo e política em porta de fábrica.

Acabei passando 3 anos no sindicato sem saber porque estava lá. Naquela época começava a surgir movimentos de oposição / sindical. Aqui no SBC apareceu um e eu participei do movimento com os outros companheiros que estão aqui presentes. Parei de participar da oposição uns 8 meses antes da eleição, porque também lá dentro não se discutia a questão dos trabalhadores, mas discutia a questão da diretoria. Se o diretor tinha cabelo curto, cabelo cumprido, se andava de carro, etc. A questão da categoria não era colocada.

Depois de um certo tempo, resolvi assumir aquilo / que os trabalhadores da Villares, pelo menos eles tinham me dado o po

der de ser representante deles dentro do sindicato. Resolvi participar já como efetivo da Diretoria efetiva. E aí um fato engraçado ; eu tinha um irmão que era tachado de comunista ou coisa parecida. E o pessoal da Diretoria daquela época tinha medo que o partido comunista trabalhasse contra eles. Se eu era irmão de uma pessoa que eles achavam que era comunista, era importante me colocar na chapa porque assim o pessoal do partido votava na chapa que eu estivesse. Não sei se isto aconteceu, se houve realmente este acordo. O fato concreto é que nós ganhamos as eleições e eu fui ser o primeiro secretário do sindicato.

É participando de uma diretoria administrativa, que se consegue enxergar o que é um sindicato a partir da ação da diretoria . Enquanto se está na base não se sabe como as coisas acontecem, porque / não se tem o poder de decisão. Nesta época se criou no sindicato um departamento de Previdência Social. Achei uma grande coisa o fato de estarem criando um cargo para me ajudar. Na verdade, porém o cargo estava / sendo criado como forma de me secar dentro do sindicato. Me colocar dentro de um departamento onde eu fosse apenas cuidar dos velhinhos que viessem tratar de aposentadoria. Assim eu não tinha oportunidade de fazer nenhum trabalho. Então a coisa deu zebra, porque a gente começou a cuidar do Fundo de Garantia e Departamento do INPS. Foi aí que eu consegui encontrar minha mulher e casei com ela. Um dia ela marcou bobeira e apareceu lá no sindicato procurando um atestado para o irmão dela e eu estava precisando de uma viúva. Então, acertamos os ponteiros e casamos.

Chegando em 1975, a gente já tinha aprendido muito e a Diretoria passou por uma fase de transição muito grande. E eu não vou citar nomes aqui por mais questão de respeito a ausência das pessoas . Um grupo de pessoas já não aceitava mais o tipo de política que estava sendo feita dentro do Sindicato. Esse grupo procurou o Diretor e disse a ele que ele não poderia mais encabeçar uma chapa, que tinha que se mudar a Diretoria porque a base, a classe trabalhadora, não estava mais / aceitando aquele tipo de procedimento no sindicato. Foi aí que eu fui escolhido para ser o encabeçador de uma chapa no sindicato. Fui escolhido com a aprovação de toda a Diretoria, porque eu nunca tinha falado no microfone, nunca tinha feito uso da palavra. Quem participava das Assembléias do Sindicato, sabia que nas assembléias só falava um homem. E eu me orgulho porque, depois que eu assumi a presidência, foi a primeira vez na história do nosso sindicato que os 24 diretores falavam na Assembléia. Todos podiam se dirigir aos trabalhadores como melhor lhe conviesse.

Fui escolhido presidente dentro de um novo plano. O companheiro que era presidente, achava que só ele falava em Assembléia, na medida em que Lula assumisse a presidência era fácil, o Lula era o Presidente de direito e ele seria o presidente de fato. Porque quem falava na Assembléia era ele, quem colocava a folha de votação era ele, /

quem lia a ata era ele, quem falava bonito era ele, a besta aqui nunca tinha falado. Então eu ficaria como um povão sentado na mesa. E aqui tem companheiro que se lembra disto. No começo de minha gestão eu sentava na mesa, passava a palavra para o Secretário. O Secretário falava o que tinha para falar, o que não tinha que falar, falava o que eu tinha que falar e depois entregava o microfone. Como eu não tinha mais nada que dizer, encerrava a Assembléia. Só que a<sup>u</sup> eu apendi uma coisa ; a<sup>u</sup> prendi um ditado que diz : que só se se aprende a nadar caindo na água. Um dirigente sindical só aprende a ser dirigente, quando começa a se exigir dele alguma coisa. E todos nós, seja o mais simples dos militantes, ao mais alto dirigente, todos nós temos sensibilidade e todos nós queremos provar a nós mesmos que somos útil em alguma coisa.

Em 1976, a gente sentia a necessidade de provar que éramos capazes de sobreviver com as nossas próprias forças, com as nossas próprias cabeças. E foi aí que o nosso Sindicato começou a deslanchar. A partir do momento que a gente entendeu que tinha que se libertar dos vícios do passado é que a gente começou a brigar com a FORD DO BRASIL, uma das empresas de maior lucro deste tempo da Ford Willys , com uma questão de assistência médica e depois como questão de redução de jornada de trabalho. Já em 1976, o Sindicato não aceitava a proposta da FORD reduzir a jornada de trabalho.

Deste 1977 começou o processo de reposição salarial que, para mim, foi o grande passo que a gente deu pra poder se libertar de tudo que amarrava a gente. Na questão de reposição salarial aconteceu um caso muito importante : a maioria dos dirigentes sindicais com quem a gente conversava, não queria entrar na briga, porque achava que era difícil mobilizar a classe trabalhadora. Foi justamente a reposição salarial que conseguiu mobilizar a classe trabalhadora.

Veio em 1978 que voces conhecem ; veio 1979 que voces conhecem e veio 1980 que voces conhecem. E eu preciso dizer que cada um membro da diretoria e 90% da minha categoria não tinha feito greve. Nunca tinham participado de um processo de greve da forma que aconteceu. A greve de 78 foi uma surpresa, pela forma que ela aconteceu , pra toda categoria e pra toda opinião pública. A greve de 79 foi surpresa para todo mundo, outra vez. Apenas pra dizer a voces que uma semana antes daquela grande Assembléia, eu tinha ido ao estádio do Morumbi junto com o companheiro Devani, Janjão e outros, para assistir um jogo do Guarani e de Corinthians e tinha lá 80.000 pessoas e nós comentávamos - o dia em que a gente colocar tanta gente no estádio, a gente derruba este governo. Uma semana depois, fazíamos assembléia na Vila Euclides com 60.000 pessoas, a gente não tinha nem aparelho de som suficiente. Imagina voces que nós fizemos assembléia gritando, o pessoal ia passando um pro outro. Imaginem a mentira que chegou lá atrás. Mas a gente conse

guiu fazer o movimento que me ensinou a descobrir muita coisa. Já a greve de 78 me fez descobrir que a Diretoria do Sindicaró, por mais inteligente que ela seja, ela nunca conseguirá fazer nada se ela não se dispor, pura e simplesmente a ser instrumento daquilo que é a vontade do povo. Começamos a descobrir que o Sindicato não é tudo como muita gente pensa. O Sindicato é mais um instrumento que a classe trabalhadora tem dentro dos vários instrumentos. Ela pode se organizar a partir do bairro, a partir da vila, a partir da cidade, a partir de um partido, a partir do próprio sindicato. Ele é o maior de todos os movimentos populares.

Foi na greve de 79 que houve necessidade da grande decisão. O dirigente sindical não pode fazer como Pilatos, pura e simplesmente lavar as mãos. Ele tem por obrigação de informar, de pelo menos colocar a sua opinião seja ela errada ou certa, mas de permitir que os outros julguem. 79, para mim foi o grande julgamento. Já tinha nesta época, o movimento sindical autêntico, com companheiros do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e alguns do Rio de Janeiro. Já havia surgido, por volta de 60 a 80 dirigentes sindicais que marchavam juntos em todos os grandes problemas. Quando chegava na hora mais grave estes, estes 80 ficavam em 4, em 5. E vocês estão lembrados da ida a Brasília por ocasião da aprovação do decreto 16/32 que criava as categorias, vocês se lembram da morte do Orací de M.G., também lá aparecerem apenas 5 ou 6 dirigentes sindicais. Mas já havia um embrião de algo novo no movimento sindical brasileiro. E a partir da greve foi que a gente teve, na minha opinião, de tomar uma decisão ou a gente permitia que os trabalhadores continuassem a greve, ou a gente dizia aos trabalhadores que estava na hora de terminar. Muitos de nós sabemos, que na greve entra fácil e é fácil começar. A coisa mais fácil que tem hoje é você ir para um palanque, radicalizar o máximo, O que é difícil é depois que a coisa acontece, você chegar e tentar dizer tá difícil ; ou dá. Porque senão você pode fazer ou deixar achar por si só ; deixa o pessoal se debater, dar cebeçada, acaba quando acabar, todo mundo tá tranquilo, ninguém culpa ninguém, se culpa e tudo bem ; e deixa a coisa acontecer.

Na greve de São Paulo, na greve que morreu o companheiro Santo, diversas vezes a greve teve o momento de terminar. E até eu discuto com companheiros que a greve teve momentos de terminar, mas ninguém quis assumir. É aí que eu acho que entra o papel do dirigente : o de informar a categoria de tudo que está sabendo. Na greve de 79; apenas prá contar um detalhe, as empresas combativas era a Ford e a Mercedes - as mais organizadas. E um belo dia na Mercedes 1.400 pessoas voltam para trabalhar ; no outro dia mais umas 1.200. Então reuni a Diretoria e disse : ou a gente acaba com a greve ; organizando, colocando todo mundo, falando uma só linguagem, ou a gente vai permitir que os trabalhadores voltem aos pingados, se degladiando entre eles. O que volta

1º é xingado pelo 2º e assim sucessivamente e assim a classe trabalhadora vai se degladiando entre si. Foi este o momento mais difícil de minha vida sindical, porque a gente que estava enxergando e sofrendo pressões dos mais diversos tipos, a gente achou que estava na hora de terminar a greve. E parando, justamente no momento que a categoria não queria parar. Paramos a greve, demos 45 dias de trégua para voltar a greve outra vez. E a verdade é que a Diretoria foi prá porta da fábrica preparar os trabalhadores para uma guerra, não para uma greve. Quando chegou perto do dia de ir de novo à greve, a gente tinha conseguido um acordo com 6% a mais do que tinha conseguido o interior do Estado; tinha conseguido descontar os dias em não sei quantas parcelas, o domingo, as férias e o 13º salário.

Achamos que era um resultado se não o esperado, era o menos ruim e tínhamos consciência também do que nos esperava na porta da fábrica, no estádio da Vila Euclides ou no Paço Municipal. Fizemos uma Assembléia para dizer a categoria não fazer greve. E a categoria estava toda preparada para a greve. Das 60 ou 70.000 pessoas que estavam, 90% queriam greve e a gente tinha que fazer uma opção: ou fazer greve ou orienta para parar a greve e fomos lá pedir ao pessoal que não era pra fazer a greve. Minha mãe nunca foi tão xingada, na segunda-feira na fábrica.

Eu tinha consciência de uma coisa: eu achava que era questão de dias para se provar numa greve, numa negociação coletiva a questão do tudo ou do nada não existe. A questão é voce achar se dá pra ir, se é hora de parar ou se é hora de continuar. E o dirigente sindical tem que ser, pelo menos, honesto com o trabalhador para dizer isto. Tinha consciência também de que era questão de tempo para classe / trabalhadora descobrir isto.

Veio 1980, a gente foi até onde nossas forças deram e foi aí que a classe trabalhadora descobriu que, em uma greve, não basta a gente tentar fazer por 40 ou 50 dias. É necessário voce mudar de tática na hora que voce achar que deve mudar. E eu preso, sem querer condenar ninguém, acho que houve momentos de reverter, pelo menos no sentido de criar um ambiente de negociação. Isso fica para ser discutido numa outra greve. A gente já tinha consolidado o movimento sindical neste país. Não através de dirigente sindical pelego como aquele da Construção Civil de M.G., que foi o causador da morte do Oraci. Mas a gente tinha assumido uma unidade sindical com os trabalhadores da construção civil de MG e com outras categorias.

E, hoje, como é que está o Sindicato brasileiro? É mentira alguém dizer que o movimento sindical está avançando. Ele está em reflexo. Por que? É por causa do governo? É mentira. É por causa dos dirigentes sindicais. Porque a questão ideológica está dentro do movimento sindical. Quando a gente diz isso, é chamado de dedo-duro. Já

fui chamado da gente da CIA, já fui chamado de comunista, já fui chamado de um monte de soisa. O que ninguém pode desmentir é que a prática sindical adotada por SBC e por outras dezenas de sindicatos espelhada / pelo Brasil, foi uma das poucas que deram resultados e por que ? Por que cada Diretor do Sindicato tinha consciência de seu papel como dirigente, de que ele não era dirigente, mas sim peão. Ele não tinha registrado na carteira como Joaquim lá em São Paulo, profissão : Dirigente Sindical. Ele tinha certeza de que quando voltasse para empresa teria a sua profissão que foi a única coisa que aprendeu na vida. E isto machuca muita gente. Machuca porque existem determinadas organizações de esquerda que merecem tanta pancada com as de direita. E esta é uma verdade nua e crua que sempre se acharam no direito de tratar a classe trabalhadora como se ela fosse uma bolinha de papel que se joga para onde quer. Que a classe trabalhadora não tem que falar, ela tem que ouvir os seus grandes dirigentes. Eu não vou citar organizações de esquerda nenhuma, porque seria até valorizá-las. E tal é a bronca que eu falo isto com o maior orgulho do mundo, falo como dirigente sindical, como dirigente de partido, como marido e como trabalhador. E por que a grande bronca ? É porque nenhuma organização de esquerda e tão pouco a de direita, nunca entenderam que um dia pudessem ter uma liderança oriunda da classe trabalhadora, sem ter a cartilha debaixo do braço. Trabalhador / não tem tempo de pensar ; ele só tem que produzir. Que negócio é este de trabalhador falar em microfone ? Dai, gente, a bronca que o Jarbas Passarinho descarrega encima das CEBs, quando ele fala. Por que, o que é a CEB, hoje ? É um grupo de pessoas que se une para discutir as coisas que acontecem no meio de determinados setores da sociedade. Como também o Movimento Sindical é um Movimento que se reúne para discutir as questões que acontecem dentro da fábrica.

Existem determinadas organizações de esquerda aqui no Brasil, que sempre se acharam no direito de ser dona da classe trabalhadora. Falar sobre organização da classe tinha que estar sobre as suas "barbas". Depois de todo regime de opressão muitos companheiros / voltaram à ativa. Só que voltaram de uma forma errada e eu espero convencê-los de que estão errados. Eles vão ter que viver para saber que estão errados.

Jacob Bitar, Manoel da Conceição e outros dirigentes Sindicais aqui dentro do estado, tem em determinadas organizações os seus maiores inimigos. Sabemos que se não fosse o apoio de determinados setores o Joaquim já teria perdido nas primeiras eleições e para eles o companheiro Rossi é o grande inimigo. (Este parágrafo está muito sintetizado porque a gravação não estava suficientemente clara).

Basta vocês pegarem o Boletim distribuído ; eu estou sendo mais atacado em São Paulo do que aqui em SBC. Sabem que quem está contra a gente lá, está contra a gente aqui. E eu tenho por norma

nunca ir à porta de fábrica revidar determinadas acusações. Porque en tendo que é despretigiar uma categoria voce passar a determinadas polê micas no campo pessoal. A minha tranquilidade, e tenho a certeza que é a tranquilidade dos companheiros da chapa 2 de São Paulo, que são acusa dos da mesma coisa, é de que muitos já foram presos, torturados, muitos já pagaram um preço muito caro e continuam sendo aquilo que eram há dez anos atrás. E hoje tem gente meio chateada porque antigamente muita gen te foi presa no país porque se usava muito a questão do ouro de Moscou: "voce tá gastando o ouro de Moscou..." Hoje, até o Delfim foi busca r o ouro de Moscou. Não é mais orgulho pra ninguém dizer que está gastan do o ouro de Moscou porque Delfim até pousou com o chapeuzinho de Brejev.

Em resumo, eu quero dizer para voces uma coisa - o movimento sindical brasileiro passa por um dos momentos mais difíceis / de toda a sua história. Momento difícil porque muita gente usou com po lítica a questão sa unidade sindical. E eu não sou contra a unidade sin dical, é preciso diferenciar o tipo que determinada facção quer propor e o que nos do movimento sindical combativo queremos. O que as oposi - ções sindicais querem. Alguns entendem que a unidade sindical se dará quando a gente conseguir aqui dentro do salão 2.000 dirigentes sindi - cais. Nós entendemos que isto é uma salada de pelegos. Nós entendemos que a unidade em como primeiro passo, a definição de alguns princípios a serem levados pela frente no movimento sindical. Tem como 2º passo a definição de uma pauta de reinvidicação conhecida pela classe trabalha dora e como terceiro passo a definição da forma de luta para a conquis ta daquilo que está definido como bandeira de luta. Caso contrário, se faz uma reunião de dirigentes sindicais, discute que vai brigar pelo di reito da greve, pelo salário, pela estabilidade e voce sai e ninguém / briga por coisa nenhuma. Mas, o documento está aí para se mostrar aos as sociados.

Olha, eu estou com o pessoal e me culpo por tudo isto, porque me senti fraco em determinados momentos. Houve momentos em que quando o movimento sindical, chamado autêntico do qual eu fazia par te (nunca gostei deste nome, mas sim dirigentes sindicalistas menos ru im) cedeu à pressão de determinados setores que diziam para gente não continuar sozinhos e sim caminhar com todo mundo e aí a gente voltou . Voltou pra pegar tudo quando é dirigente sindical. Conclusão, a gente parou onde estava, ao invés de traze-los pra onde a gente estava.

Essa autocrítica que eu faço me leva a crer que a unidade sindical não se dá na medida em que o Joaquinção fez um pacto, mas sim quando os trabalhadores metalúrgicos de São Paulo tiverem com a mesma disposição de luta que os trabalhadores de SBC e vice-versa .

Quando os interesses e as bandeiras de luta forem os mesmos. O movimento sindical está neste refluxo, hoje porque o governo não precisa mais de ninguém para atacar a oposição sindical, não precisa mais colocar polícia em porta de fábrica, é só mandar o pessoal da Hora do Povo que tem o descalabrio de dizer que o Waldemar Rossi recebe dinheiro da Social Democracia, que o Lula recebe da CIA. Que o Joaquim é único dirigente sindical que tem um projeto para o movimento sindical brasileiro. Gente, isto é muito sério. Porque a coisa não se dá só em SBC, em São Paulo, temos aqui companheiros da Fiat no Rio de Janeiro, que não apanharam tanto da polícia como apanharam desses setores. Companheiros que ficaram 46 dias e que em nenhum momento tiveram sequer uma palavra de unidade desses setores que usam a famosa política do prato feito. Aquela de entrar dentro do que está pronto. Entra, agrada, quer ficar ; se não dá, faz oposição.

Em Minas Gerais tivemos o exemplo dos companheiros da chapa 3 nas eleições do sindicato dos Metalúrgicos. O presidente da chapa durante 3 anos agradou o Lord - João Silveira, depois pediu um cargo e não conseguiu. Fez uma chapa de oposição, concorreu e ficou chamando os outros de pelego.

O que me deixa tranquilo é que a classe trabalhadora não é boba. A classe trabalhadora é muito mais esperta do que aqueles que pensam que indo nas portas das fábricas e blasfemando o que tem entendem, vão conseguir doutrinar a classe. E é essa a grande esperança que tenho no movimento sindical : que a classe trabalhadora tentam fazer, usando a mesma prática da direita.

Por exemplo, nós tivemos a greve da Ford que começou quando os trabalhadores quiseram e terminou quando eles quiseram . Teve um determinado setor que trabalhou desde 2a. feira contra a greve. É um companheiro que, inclusive pertence a minha Diretoria do passado , tentou procurar a empresa para negociar uma acórdino, tentando tirar o sindicato da jogada. Quando não deu certo a peãozada quis pegar de pau, teve que passar 3 dias escondido. E nos propuzemos o fim de greve aos trabalhadores e aí o pessoal começou a dizer que a greve tem que ser mais prolongada ; que nos franquejamos diante das ameaças da classe empresarial.

Então, levado por esta circunstância, eu quero crer que o movimento sindical combativo vai sofrer ainda pressões, não apenas do governo, mas de outros setores da sociedade. Todos vocês sabem que está sendo preparada a CONCLAT. Tem duas definições que vão ser o grande racha deste encontro. O movimento sindical está dividido nas seguintes frações : a dos pelegos que não tem mais recuperação nem com determinados setores de esquerda ; aqueles que estão comprometidos até os dentes com o governo, com os militares e com o que existe de mais podre neste país ; existe os novos pelegos que tentam se aproveitar de de

terminados setores de esquerda e existe um movimento sindical que eu ainda considero chamado combativo.

A divisão na CONCLAT vai ser a seguinte : os que eu chamo de novos caras de pelego queiram ir para o encontro para tirar um grande documento ; o que é bem próprio do movimento sindical. E tirar também a direção da CUT. Eu, pelo menos sou contra e por que ? Sou eu a favor que se tire um documento, mas não se tire a direção. O que se precisa não é apenas tirar um grande documento, é a gente nesta CONCLAT, definir o que vai fazer para conseguir aquilo que a classe trabalhadora já sabe que é bom para si.

Porque desde o 1º Congresso dos Trabalhadores realizado neste país em 1906, que a classe trabalhadora sabe que é bom para ela. Ela sabe que gosta de morar numa casa boa, quer ganhar bem, quer vestir bem, quer reduzir a jornada de trabalho, quer viver com o mínimo de dignidade. Qualquer trabalhador sabe disto. Agora, o que ela quer saber : qual é a proposta de luta que os dirigentes sindicais tem para que seja conquistado isto que ela sabe que é bom para si.

Então, existe uma corrente que está disposta a ir para lá saber o seguinte : que forma de luta vai ser travada para conquistar aquilo que já é consenso na classe trabalhadora e que a direção da CUT saia, efetivamente, do processo de luta e não do processo de chave dos dirigentes sindicais.

Era isto que eu tinha para dizer para vocês.